Universidade de Ribeirão Preto
Curso de Jornalismo

PAULA ALVES VIANA

A NARRATIVA BOLSONARISTA, A CRIAÇÃO DE SIMULACROS E SEUS EFEITOS PARA O EXERCÍCIO DO JORNALISMO NO BRASIL

RIBEIRÃO PRETO - SP

2020

Paula Alves Viana

A NARRATIVA BOLSONARISTA, A CRIAÇÃO DE SIMULACROS E SEUS EFEITOS PARA O EXERCÍCIO DO JORNALISMO NO BRASIL

Monografia apresentada à Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. João Flávio de Almeida.

Ribeirão Preto

2020

Dedico este trabalho ao meu avô, Olavo Daniel Alves, o maior exemplo de homem que conheci na terra e que hoje me inspira do plano superior.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela oportunidade de viver e realizar o sonho de cursar e concluir um Ensino Superior. Em segundo lugar à minha família, que sempre me apoiou nesse sonho e não mediram esforços para priorizar a minha educação e me proporcionar as melhores oportunidades de ensino. Não só isso, mas também pelo apoio emocional que me deram durante estes quatro anos, sempre confiando em mim e no meu potencial, o que me deu forças para enfrentar todos os desafios e concluir as oito etapas deste curso. Agradeço também aos meus colegas de classe, que foram responsáveis por tornar a minha experiência de graduação inesquecível, não só pelos momentos bons, mas, principalmente, pelos ruins, onde estes estiveram ao meu lado, dando todo o suporte necessário. Agradeço em especial aos amigos Pitta e France, por me auxiliarem, especialmente, neste último ano, com questões técnicas e acadêmicas da monografia, além de me darem todo o apoio emocional que precisei nessa reta final da graduação. Agradeço também ao curso de Jornalismo por essa incrível experiência que tive nos últimos quatro anos. Obrigada por todas as oportunidades e aprendizado. O que vivi aqui ficará guardado para sempre e, com certeza, trará ainda mais frutos no futuro. Por último, mas não menos importante, agradeço a incrível parceria e amizade com meu professor, orientador e amigo João Flávio de Almeida, que sempre foi uma inspiração para mim, tanto como profissional, como ser humano. Os aprendizados que tive com ele superam as barreiras acadêmicas e tem grande reflexo na minha vida pessoal. Obrigada por despertar em mim cada vez mais paixão pelo jornalismo. Através das suas aulas, percebi quantas coisas precisam ser reconstruídas no mundo e espero, com a minha formação jornalística, poder contribuir, pelo menos um pouco, para algumas delas. Enfim, obrigada a todos que fizeram parte dessa jornada intensa, porém enriquecedora, que vou levar para sempre na memória e no coração. Cada um de vocês tem uma contribuição imensa na minha formação e tudo que aprendi com todos seguirão comigo além da Universidade.

RESUMO

Em 2018, com a chegada do candidato Jair Bolsonaro no cenário de pré-campanha eleitoral, os ataques contra a imprensa aumentaram 36,36%, segundo dados da Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj). Ao todo, foram registradas 135 ocorrências de violência, entre elas, um assassinato. Em 2019, com a posse do presidente, os casos de agressão contra jornalistas saltaram de 135 para 208 casos. A Fenaj apontou ainda que 58,17% desses ataques, foram realizados pelo próprio presidente. Dessa forma, levando em consideração a importância do jornalismo e da liberdade de imprensa em uma sociedade democrática e entendendo o poder de influência de um presidente da República no país, objetivou-se, com esta pesquisa, entender no que consiste a narrativa bolsonarista e quais seus efeitos para o exercício do jornalismo no Brasil. Para isso, foi realizada, na 1ª etapa deste trabalho, uma pesquisa bibliográfica da obra *"Simulacros e Simulação",* de Jean Baudrillard (1991), onde constatou-se como resultado a existência de três categorias de simulacros. Nessa análise, foi possível constatar ainda a presença dos simulacros em diversas narrativas, desde o jornalismo, até a política. Já na segunda etapa, foi realizada uma pesquisa qualitativa descritiva-exploratória, na qual apontamos que a narrativa bolsonarista consiste em simulacros de primeira, segunda e terceira ordem, que, para se legitimarem entre o público, descredibilizam o jornalismo e os demais órgãos que trabalham na divulgação de fatos que podem, eventualmente, transmitir imagens desfavoráveis do governo.

Palavras-chave: simulacros e simulação. Credibilidade jornalística. Narrativa bolsonarista.

ABSTRACT

In 2018, with the came of candidate Jair Bolsonaro in the pre-election campaign scenario, the attacks against the press increased 36,36%, acording to National Federation of journalists (Fenaj). Altogether were recorded 135 occurrences of violence, including one murder and 227 victimized professionals. In 2019, with the inauguration of president, the cases of aggression against journalists jumped from 135 for 208 cases. The Fenaj indicated still that 58,17% of these attacks, were made by own president. This way, considerating the importance of journalism and of press fredoom in a democratic society and undestading the power influence of a president of Republic in country, is intended with this research, to want understand what the bolsonarist narrative consist and what its effects for the exercise of journalism in Brazil. For that, was made, in first stage of this work, one bibliographic research of the book "Simulacrums and simulation" (1991), of Jean Baudrillard (1991), in which it was found as a result the existence of three categories of simulacrums. In this analysis, it was also possible to verify the presence of simulacrums in several narratives, since journalism untill politics. On second stage, was made one research qualitative descriptive-exploratory, in which we aim that the bolsonarist narrative consist at simulacrums on first, second and third order that, to legitimize themselves among the public, discredit the journalism and others organizations that work with facts that can, eventually, transmit unfavorable images of the government.

Keywords: Simulacrums and simulations. Journalistic credibility. Bolsonarist narrative.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Eduardo Bolsonaro e Steve Bannon 23
Figura 2 – 10 países que mais perderam área florestal entre 2010 e 2020 30
Figura 3 – Capa da revista VEJA, ed. 2.438 32
Figura 4 – Capa da revista VEJA, ed. 2.477 35
Figura 5 – Editorial “O Globo” – 19/03/2016 37
Figura 6 – Editorial “O Globo” – 25/08/2016 37
Figura 7 – Manchetômetro – jornais impressos 40
Figura 8 – Manchetômetro “Jornal Nacional” 41
Figura 9 – Valência das matérias publicadas pelo JN sobre Lula 42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **1**
CAPÍTULO 1: SIMULACROS E SIMULAÇÃO **4**
1.1: A ORIGEM DOS SIMULACROS 4
1.2 AS CATEGORIAS DE SIMULACRO 6
1.3 OS SIMULACROS NOS DISCURSOS 8
1.4 OS SIMULACROS E A DESINFORMAÇÃO 11
1.5 SIMULACRO NA POLÍTICA 14
CAPÍTULO 2: A NARRATIVA BOLSONARISTA E AS ESTRATÉGIAS DE SIMULACROS **16**
2.1: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA BOLSONARISTA 16
2.2: A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO ANTI-GLOBALISTA 20
2.3: SIMULACROS CONTRA A IMPRENSA 24
CAP. 3: O OUTRO LADO DO SIMULACRO **32**
3.1: OS DISCURSOS JORNALÍSTICOS PRÓ-IMPEACHMENT 31
3.2: A COBERTURA DA CONDENAÇÃO DE LULA PELA MÍDIA 38
CAPÍTULO 4: OS EFEITOS DO SIMULACRO PARA O JORNALISMO E O TRABALHO DO JORNALISMO CONTRA OS SIMULACROS **43**
CONSIDERAÇÕES FINAIS **48**

INTRODUÇÃO

Os ataques à imprensa cresceram consideravelmente após a aparição do candidato Jair Bolsonaro no cenário de pré-campanha eleitoral em 2018. Naquele ano, o número de agressões contra jornalistas cresceu 36,36%, segundo levantamento realizado pela Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj). Ao todo, foram registradas 135 ocorrências de violência, entre elas um assassinato. Em 2019, com a posse do presidente, os números cresceram ainda mais, saltando de 135 para 208 casos. A Fenaj apontou ainda que 58,17% dos ataques, realizados em 2019, contra a imprensa, foram feitos pelo próprio presidente da República. Tal fato nos faz pensar sobre a possível ameaça e fragilização que o jornalismo vem sofrendo com as atitudes do presidente.

É importante saber que, desde o início da campanha, Bolsonaro se mostrou no cenário eleitoral com um discurso considerado, por grande parte dos veículos de comunicação, extremista e radical[1], o que desagradou uma grande parcela da população, mas que convenceu a maioria conservadora e que torcia incessantemente por uma mudança partidária na presidência da República do Brasil.

Foi com esse tipo de discurso que Bolsonaro venceu as eleições em 2018, com mais de 57 milhões de votos, e é com esse discurso que tenta manter seus eleitores até hoje. No entanto, o que o presidente vem revelando nos últimos anos é que sua narrativa, além do nível extremista e radical, possui também um certo grau de intolerância, demonstrado através dos ataques contra aqueles que se opõem a suas atitudes.

Um dos ataques mais recentes de Bolsonaro (2020) foi no início deste ano contra a jornalista Patrícia de Melo Campos, da Folha de São Paulo. Patrícia foi responsável pela publicação de uma reportagem que denunciava, em 2018, empresas envolvidas em um esquema ilegal de disparo de mensagens para campanhas eleitorais. Tal ação criminosa beneficiava o partido de Bolsonaro, o que fez com que o presidente se sentisse incomodado com o conteúdo. Para se defender, ele acusou a jornalista de ter se insinuado sexualmente para um dos ex-funcionários de uma das empresas acusadas, a fim de obter informações sobre o caso. Patrícia,

---

[1] Vale ressaltar que não cabe neste trabalho analisar a classificação do perfil ideológico de Jair Bolsonaro. Consideramos, portanto, a forma com que a grande mídia, nacional e internacional, classifica o discurso do presidente brasileiro. Ademais, considera-se também que o próprio Bolsonaro se autodeclara de direita (AGORA, 2019), dessa forma, usaremos essa nomenclatura em algumas partes do trabalho para se referir ao discurso do presidente, tendo em vista que uma outra metodologia e análise seriam necessárias para teorizar a classificação do perfil ideológico de Jair Bolsonaro.

no entanto, desmentiu a afirmação, exibindo sua conversa com o ex-funcionário no jornal Folha de São Paulo.

Tal ataque mostra que o presidente, ao tentar se defender de um fato, criou um novo acontecimento, a fim de que seus seguidores desviassem as atenções daquilo que o prejudicava. Ao fazer isso, Bolsonaro, possivelmente, utiliza estratégias de simulacro, com objetivo de alterar a realidade para um viés que o favoreça.

Dessa forma, levando em consideração a importância do jornalismo e da liberdade de expressão em uma sociedade democrática e entendendo o poder de influência do presidente da República no país, pretendeu-se, com esta pesquisa, entender no que consiste a narrativa bolsonarista e quais seus efeitos para a credibilidade jornalística.

Para realizar tal análise, poderíamos dispor de diversas metodologias, porém, ao estudar a narrativa do presidente e ao observar seus efeitos na mídia e na sociedade, entende-se que esta apresenta características que vão muito além dos conceitos de pós-verdade, *fake-news*, manipulação, e quaisquer outros fenômenos mais comuns utilizados na análise de discursos.

Ao analisar a narrativa bolsonarista percebe-se que somente esses conceitos não são capazes de justifica-la e compreende-la, pois essa narrativa apresenta uma maior complexidade, ela não só replica falácias, mas reconstrói a realidade com base nelas, trazendo um efeito de simulação do real. Com base nessas considerações, entendemos que a forma mais coesa de analisar a narrativa bolsonarista é através dos conceitos de simulacro apresentados por Jean Baudrillard na obra *Simulacros e Simulação (1991).*

Dessa forma, analisamos quatro discursos de grande impacto de Jair Bolsonaro, na presidência da República, com o objetivo de compreender, em cada um deles, o possível funcionamento das três categorias de simulacro, definidas por Jean Baudrillard (1991) e, por fim, explicar a possível corrosão da credibilidade jornalística provocada por esses simulacros.

Inicialmente, apresentamos as três categorias de simulacro, segundo Baudrillard (1991), explicando o funcionamento e as distinções entre cada uma delas. Na sequência, analisamos os discursos do presidente, a fim de entender se ele utiliza ou não as estratégias de simulacro e, se sim, em quais níveis. Já no terceiro capítulo apresentamos uma análise dos grandes veículos de comunicação sobre duas coberturas políticas de grande impacto no Brasil, com o objetivo de provar a classificação das falas do presidente como simulacro.

Por fim, no último capítulo, apresentamos os efeitos das estratégias narrativas de Bolsonaro para a credibilidade jornalística, concluindo se elas podem ou não contribuir para a descredibilização da profissão.

Considerando o fato de que esse tema é atual, pois Jair Bolsonaro governa o Brasil há menos de dois anos, a pesquisa torna-se recente e, além disso, inédita, abrindo caminhos para diferentes formas de análise no jornalismo, ainda em um modelo experimental. Por fim, a relevância da pesquisa também se exibe nos efeitos dos simulacros para o mundo real, pois, levando em consideração a importância do jornalismo em uma sociedade democrática, sua possível corrosão no mundo atual, impacta não só os profissionais que exercem a profissão, mas todos os cidadãos que dependem da informação para a construção de senso crítico.

Dessa forma, o trabalho torna-se emergente e ganha ainda mais notoriedade pelo método pelo qual foi desenvolvido. Em uma primeira etapa foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a fim de compreender e explicar o funcionamento das três categorias de simulacro de Jean Baudrillard, através da obra *Simulacros e Simulação* (1991). Na segunda fase da pesquisa, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa descritiva-exploratória, dividida em três partes. A primeira, consistiu em descrever e contextualizar os discursos do presidente, na segunda, realizou-se uma análise exploratória, a fim de entender quais conceitos e fenômenos influenciaram esses discursos e, por fim, na última parte, foi realizada uma conexão desses discursos com as categorias de simulacro, explicando, na sequência, os seus efeitos para o campo jornalístico.

Sendo assim, a pesquisa dividiu-se em quatro capítulos: o primeiro explica o funcionamento das três categorias de simulacro, segundo Jean Baudrillard; o segundo realiza uma análise dos discursos do presidente, a fim de entender sua relação com as estratégias de simulacro; o terceiro apresenta uma análise da mídia sobre duas coberturas políticas de grande impacto no Brasil, com o objetivo de entender o exercício ideológico do jornalismo, comprovando ou não a veracidade das falas de Bolsonaro e, por fim, no último capítulo, foram apresentados os efeitos destes discursos para a área jornalística, ressaltando que a narrativa bolsonarista é responsável pela descredibilização do jornalismo.

1 SIMULACROS E SIMULAÇÃO

1.1 A ORIGEM DOS SIMULACROS

Para entender a construção da narrativa bolsonarista e seus efeitos para a credibilidade jornalística, podemos lançar mão de diversos recursos teóricos e dispositivos de análise, o que nos obriga, invariavelmente, a tomar posição – haja vista que a neutralidade é impossível a toda e qualquer linguagem. Neste texto propomos analisar tal narrativa a partir das premissas estabelecidas pelo filósofo francês Jean Baudrillard, mais especificamente sob a luz do conceito de Simulacro, tal como ele teoriza em Simulacros e Simulação (1991).

Segundo o autor, podemos começar a entender a noção de simulacro a partir de uma inversão simples, mas poderosa:

> Já não é possível partir do real e fabricar o irreal, o imaginário a partir dos dados do real. O processo será antes o inverso: será o de criar situações descentradas, modelos de simulação e de arranjar maneira de lhes dar as cores do real, do banal, do vivido, de reinventar o real como ficção, precisamente porque ele desapareceu da nossa vida (BAUDRILLARD, 1991, p. 154-55).

Com essa afirmação, Baudrillard parte do pressuposto de que no simulacro o imaginário surge antes mesmo que o mundo real; trata-se de uma inversão: os discursos falsos, as situações descentradas, são criadas antes pelo emissor e, posteriormente, tem-se todo um cuidado para relacionar essa situação imagética com a realidade, dando sentido àquilo que foi criado e passando a essa criação a impressão de verdade.

Para exemplificar melhor esse conceito, façamos uma analogia com a fantasia do Papai Noel. Sabemos que este é um personagem fictício criado no contexto natalino, porém, os adultos, a mídia e as corporações, mesmo sabendo que o personagem não é real, realizam toda

uma construção do imaginário no mundo real, a fim de fazer com que as crianças acreditem que o personagem existe na realidade. Ou seja, por mais óbvia que seja a fantasia e tendo o consentimento disso, ainda assim, os adultos, lúdicos sobre a situação, constroem um simulacro, no qual o Papai Noel assume características e ações de um ser humano, o que, atrelado a todas as outras características da fantasia, torna-se real para as crianças.

Em se tratando da origem desses simulacros, Baudrillard afirma que é impossível precisá-la, pois os simulacros são tão bem criados e integrados à realidade que simplesmente passam a fazer parte do real, ficando difícil distinguir suas origens, assim como diferenciá-los do real. “Desse modo, o simulacro não é algo que está fora da realidade ou que constitui uma outra realidade, mas faz parte do real e é embasado nele que pode ser classificado como simulacro” (BAUDRILLARD, 1991, p. 6).

Na tentativa de tornar-se tão parecido com o real, os simulacros ultrapassam o próprio conceito de real, construindo algo que não existe pela perfeição do seu modelo: uma hiper-realidade. “A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real”. (BAUDRILLARD, 1991, p. 8).

Para explicar melhor o conceito de hiper-realidade desenvolvido pelos simulacros, Baudrillard cita como exemplo a obra cinematográfica “China Syndrom”, que conta a história de uma investigação jornalística em uma fábrica nuclear. A investigação, de fato, ocorreu no mundo real, no entanto os jornalistas não se contentaram com os resultados obtidos e ao invés de simplesmente fazerem a denúncia, resolveram produzir um filme, descrevendo cada parte da investigação, como forma de preparar o público para o resultado final e “espetacularizar” o episódio.

> O que acontecerá já nunca mais será a explosão, mas a implosão. Nunca mais a energia sob a forma espetacular e patética – todo o romantismo da explosão, que tinha tanto encanto, que era ao mesmo tempo o encanto da revolução – mas a energia fria do simulacro e a sua destilação em doses homeopáticas nos sistemas frios da informação (BAUDRILLARD, 1991, p. 74).

Dessa forma, Baudrillard explica que a intenção da mídia, com o resultado da investigação, era produzir não um efeito de explosão imediata no público, mas uma implosão[2], isto é, um fenômeno que antecede a explosão, a fim de provocar na população uma reação mais significativa quando a denúncia viesse à tona, fazendo-os julgar os fatos com emoção.

---

[2]A primeira fase da articulação de uma oclusiva, anterior à tensão, durante a qual os órgãos fonadores tomam posição para o fechamento, de que resulta a oclusão (IMPLOSÃO, 2018).

Com essa espetacularização do acontecimento, o simulacro, neste caso, o filme, torna-se mais atrativo do que o próprio real - o resultado da investigação - pois, o evento em si, sozinho, talvez não causaria tanto choque ao público se não fosse contado de forma espetacularizada, através de um filme. “E é por isso que os acontecimentos já não têm mais sentido: não é que sejam insignificantes em si próprios, é que foram precedidos pelo modelo, com o qual o seu processo mais não faz do que coincidir” (BAUDRILLARD, 1991, 75)

Além de mostrar como os simulacros se integram ao real, tornando-se mais interessantes do que ele próprio, esse episódio também reforça a questão de precessão do simulacro ao real, conforme Baudrillard defende, pois, primeiro veio o filme (o simulacro), depois a denúncia da fábrica (real). Dessa forma, o real é que se inspira no modelo para se constituir, conforme conclui o filósofo. “O real respondeu, ponto por ponto, ao simulacro [...]. O real acomodou-se, à imagem do filme, para produzir uma simulação de catástrofe” (BAUDRILLARD, 1991, p. 73).

Assim, podemos afirmar que os simulacros são realidades paralelas ao mundo real, criados com uma forte ligação com o real, ao ponto de serem confundidos com este. “[...] Os simulacros e os sinais estão, de forma crescente, constituindo o mundo contemporâneo, de tal forma que qualquer distinção entre ‘real’ e ‘irreal’ torna-se impossível”. (SIQUEIRA, 2007, *apud* ALVES; CALEIRO, 2011, p. 7).

1.2 AS CATEGORIAS DE SIMULACRO

Os simulacros, no entanto, não se formulam de uma única maneira. Segundo Baudrillard (1991), eles se dividem em três níveis distintos, cada um com um objetivo e uma consequência também distintos.

> Baudrillard argumenta que há três níveis na simulação, onde o primeiro nível é uma óbvia cópia da realidade e o segundo nível uma cópia tão boa que suspende as fronteiras entre realidade e representação. O terceiro nível é a da produção da realidade sem se basear em qualquer elemento do mundo real (LANE, 2000, p. 30 *apud* VADICO; VIEIRA, 2013, p. 38).

Dessa forma, podemos entender que o simulacro de primeiro nível trata-se do simulacro menos complexo, aquele que utiliza de uma verdade para criar uma falsa realidade, ou seja, o emissor, a partir de um fato, cria um novo acontecimento e, a partir daí, usando o acontecimento verdadeiro, ele enriquece o seu simulacro, fazendo-o parecer crível.

Neste primeiro nível, conforme aponta Ferreira (2011), o simulacro aparece como uma boa aparência, utilizando-se de um signo, uma referência verdadeira, para sustentar aquilo que

não é real. Como exemplo de um simulacro de primeira ordem, Ferreira (2011) cita a fotografia, isto é, a representação de um momento. Neste caso, a foto seria o signo, a representação, o simulacro criado, e o momento em que a foto foi feita seria, de fato, o real. No simulacro de primeira ordem, portanto, temos como consequência a distorção do real. Utilizando-se de algo verdadeiro – um momento que aconteceu - o sujeito distorce esse real e cria uma nova suposição – a fotografia.

Já o simulacro de segunda ordem é mais profundo, uma cópia tão bem criada que "suspende as fronteiras entre realidade e representação" (LANE, 2000, p. 30 *apud* VADICO; VIEIRA, 2013, p. 38), isto é, para sustentar o simulacro, o emissor chega a apagar partes do real. Ferreira (2011) define o simulacro de segunda ordem como uma falsa aparência. "[...] é o momento em que o signo dissimula, mente ou deforma uma realidade profunda" (FERREIRA, 2011).

> Uma fotografia pode ser manipulada através de processos de retocagem seja analógica ou digital. Uma nota de um real pode ser falsa. Nestes casos, pressupõem-se existir ainda uma realidade a qual se renuncia ao produzir uma falsa aparência. É como se ocorresse uma clivagem entre o signo e a realidade. Mas ainda existe a oportunidade de desmascarar esta mentira e revelar-se o segredo (FERREIRA, 2011).

Se a fotografia é um simulacro de primeira ordem, uma fotografia simulada no *Photoshop*, seria então um simulacro de segunda ordem, pois, neste caso, vai-se além da realidade, cria-se uma imagem ilusória, impossível de existir no real. Para manter o simulacro de segunda ordem, é necessário ocultar a ausência de um real. Em uma propaganda produzida no Photoshop, por exemplo, exclui-se a noção de realidade, pois a realidade possui defeitos e a imagem criada é perfeita e, portanto, inexistente no mundo real.

Por fim, a terceira categoria de simulacro é representada como sendo algo extremamente distante do real, que não tem preocupação nenhuma em se aproximar da realidade em algum sentido. Ferreira (2011) define essa categoria como uma ilusão de aparência. "O signo simula ter algum referencial ou estar ancorado em um objeto real quando, na verdade, tudo não passa de um blefe" (FERREIRA, 2011). Lane (2000) cita a realidade virtual como um simulacro de terceira ordem, pois, neste caso a fantasia é absoluta e não tem preocupação nenhuma em relacionar o virtual ao real. Já Baudrillard (1991) cita a Disneylândia para exemplificar essa categoria.

> A Disneylândia é colocada como imaginário a fim de fazer crer que o resto é real, quando toda Los Angeles e a América que a rodeia já não são reais, mas do domínio do hiper-real e da simulação. Já não se trata de uma representação falsa da realidade

> (a ideologia), trata-se de esconder que o real já não é o real e, portanto, de salvaguardar o princípio de realidade (BAUDRILLARD, 1991, p. 21).

De acordo com o filósofo francês, a Disneylândia se configura como um simulacro de terceira ordem, pois ela oculta que todo o restante da América é uma hiper-realidade, ou seja, com a criação de fantasias utilizadas no universo da Disney, cria-se uma distância entre fantasia (Disney) e real (restante da América), fazendo-se crer que tudo que não é fantasia é real, quando, na verdade, "toda Los Angeles e a América que a rodeia já não são reais, mas do domínio do hiper-real e da simulação" (BAUDRILLARD, 1991, p. 21).

O simulacro de terceira ordem, portanto, oculta uma verdade para sustentar algo que não existe. Ao libertar o signo da realidade, a diferença entre ambos é abolida, dando ao autor a liberdade para se criar aquilo que ele quiser, sem precisar se embasar em nenhum referencial verdadeiro. E é neste ponto que figura o perigo. Ao desprender-se totalmente do real, as mentiras se fortalecem de uma maneira que passam a ser entendidas como verdade e a verdade passa a ser confundida com o irreal, causando uma inversão dos sentidos, que gera desinformação e descredibilização de veículos e pessoas.

1.3 OS SIMULACROS NOS DISCURSOS

Como vimos no exemplo de *China Syndrom*, os simulacros são criados com base na intenção do emissor de transmitir uma mensagem. Mais do que isso, os simulacros se sustentam pelo desejo do receptor de receber determinada mensagem. "Os vazios pertencem à estrutura da obra ao mesmo tempo em que essa estrutura se torna dependente de quem nela encontra um sentido, ou seja, o receptor" (LIMA, 2000, p. 202 *apud* NICIÉ, 2008).

Analisando os discursos políticos, fica claro que os simulacros dependem tanto da intenção do emissor de transmitir determinada mensagem, quanto do desejo do receptor de acreditar que aquilo seja verdadeiro. Logo, os simulacros são destinados àquelas pessoas que são propícias a enxergarem sentido nele.

Para exemplificar isto, podemos analisar os discursos de Bolsonaro no período eleitoral, nos quais o candidato se apresentou como uma figura contrária à corrupção e prometia aos eleitores uma nova política, que trabalharia de forma diferente dos governos anteriores. Além disso, o discurso de Bolsonaro tinha um teor extremista e radical, que mostrava, claramente, que seu desejo era dialogar com a classe mais conservadora do país, com cunho ideológico de

direita e que desejava a saída do Partido dos Trabalhadores (PT) do governo. Esse tipo de eleitor tende a ver verdade nos simulacros de Bolsonaro, pois ele quer acreditar que uma nova figura política que é não de esquerda[3] está surgindo, mais do que isso, uma figura que seja contra a corrupção, que prometa um cenário diferente daquele deixado pela esquerda e que ainda seja a favor dos valores tradicionais que ele acredita. É dessa forma que se constrói a noção de sentido dos simulacros, colocando o interlocutor como parte fundante da narrativa, junto com o enunciador.

Para entender melhor essa construção de simulacros nos discursos, primeiro, é necessário compreender o processo de comunicação. De acordo com Baudrillard (1991), a informação neutraliza ou destrói sentidos, com base na intenção do emissor. Segundo ele, isso acontece porque, primeiro, o discurso é subjetivo, logo, permite diversas interpretações aos seus diferentes receptores; segundo, porque durante um discurso, o emissor gasta grande quantidade de energia tentando sustentar o sentido de verdade em sua mensagem e ao fazer isso, indiretamente, perde-se sentido.

> Em vez de fazer comunicar, esgota-se na encenação da comunicação. Em vez de produzir sentido, esgota-se na encenação do sentido. Gigantesco processo de simulação que é bem nosso conhecido (...). Imensas energias são gastas para manter este simulacro, para evitar a dissimulação brutal que nos confrontaria com a evidente realidade de uma perda radical do sentido (BAUDRILLARD, 1991, p. 105).

Neste contexto, podemos entender que ao se esforçar para criar um simulacro que faça sentido e se pareça o máximo possível com o real, o emissor cria um imaginário extremamente idealizado e mais perfeito do que o real, caracterizando-se como hiper-real.

> Quando o real já não é o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido. Sobrevalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade. Sobrevalorização de verdade, de objetividade e de autenticidade de segundo plano. Escalada no verdadeiro, do vivido, ressurreição do figurativo onde o objecto e a substância desapareceram. Produção desenfreada de real e de referencial, paralela e superior ao desenfreamento da produção material: assim surge a simulação na fase que nos interessa – uma estratégia de real, neo-real e de hiper-real, que por todo o lado a dobragem de uma estratégia de dissuasão (BAUDRILLARD, 1991, p.14).

A hiper-realidade dos simulacros é construída, então, como uma estratégia de dissuasão, conforme aponta Baudrillard (1991). Nada mais é do que o esforço máximo do emissor de convencer o público de algo que ele quer acreditar, isto é, algo que não existe mais, mas que alimentado pela nostalgia daqueles que desejam aquela realidade de volta, passa a fazer sentido.

---

[3] Consideramos, neste caso, a esquerda como um perfil ligado a pautas sociais e neoliberais, e ainda aqueles filiados e próximos ao PT.

Dessa forma, concluímos que, o simulacro, além depender do emissor para se sustentar, também depende do receptor, do seu senso crítico, do seu cunho ideológico e de todas as características que o compõem e que o fazem acreditar ou não em determinado discurso.

Por mais que o emissor se esforce para transmitir verdade em seus simulacros, ele apenas vai parecer crível para aqueles que possuem valores e ideologias semelhantes àqueles implícitos no discurso, isto é, os simulacros só são aceitos por aqueles que querem enxergar a verdade ali, mesmo que ela não exista.

> Assim, tanto a comunicação como o social funcionam em circuito fechado, como um logro — ao qual se liga a força de um mito. A crença, a fé na informação, agarra-se a esta prova tautológica que o sistema dá de si próprio ao redobrar nos signos uma realidade impossível de encontrar (BAUDRILLARD, 1991, p. 105).

Baudrillard explica então que o processo de "credibilização" de um simulacro funciona como um ciclo, no qual o indivíduo, preso na crença e na fé de uma verdade que não existe, mas que gostaria que existisse, estará sempre convencido sobre determinado simulacro, deixando de enxergar os motivos que provavelmente enfraqueceriam aquele discurso. "Crê-se mas não se crê. Não nos fazemos a pergunta. «Eu sei, mas mesmo assim..." (BAUDRILLARD, 1991, p. 106).

O que o autor quer dizer é que mesmo que uma história seja mal contada, mesmo que haja falhas notáveis na construção daquele discurso, o indivíduo, movido pela sua crença ideológica e pelos seus valores, não questiona o conteúdo, mas insiste em tomar como verdade aquilo que ele deseja, incessantemente, que seja verdade, enxergando o simulacro como real, apesar de todos os conflitos. Mais do que isso, além de enxergar o simulacro como verdadeiro, o sujeito ainda colabora na sua construção e legitimação, ou seja, o próprio receptor auxilia na emissão do simulacro, tendo um papel ativo na sua construção e circulação.

Baudrillard (1991) ainda faz referência a Mc Luhan (1964) para explicar que o próprio comunicador é a mensagem e o próprio emissor é o receptor, ou seja, a mensagem só faz sentido se houver uma crença do receptor ao emissor. Independentemente da construção da mensagem, seja ela fraca ou forte, ela será crível para aqueles que compactuam com os valores daquele emissor, e/ou da própria mensagem. "(o médium é a mensagem — o emissor é o receptor — circularidade de todos os pólos — fim do espaço panóptico e perspectivo — esse é o alfa e o ómega da nossa modernidade)" (BAUDRILLARD, 1991, p. 107).

A credibilidade dos simulacros depende então, primordialmente do emissor, que dá o sentido à mensagem, com base nos seus interesses, através de um processo subjetivo, mas

também do receptor que, neste caso, atua como um sujeito ativo, participando também da construção de sentido do simulacro. Assim, concluímos que os simulacros, assim como o processo de comunicação, são subjetivos e dependem não somente do seu conteúdo para se sustentar, mas também de quem o transmite, da forma como transmite e de quem o recebe.

O filósofo ainda afirma que o emissor, na tentativa de convencer o receptor a aceitar a mensagem, não se limita a nenhuma técnica, enaltece o que tiver que enaltecer através da espetacularização, assim como neutraliza ou simplesmente apaga aquilo que tiraria o sentido da sua estratégia. "Hiper-realidade da comunicação e do sentido. Mais real que o real, é assim que se anula o real" (BAUDRILLARD, 1991, p. 105).

Dado esse contexto, Baudrillard (1991) conclui que nos discursos com simulacros é criada uma hiper-realidade, isto é, uma realidade artificial, construída pelo emissor, com as informações que ele deseja transmitir ao público e que o público também deseja receber. Ao criar essa realidade artificial, o autor, muitas vezes, apaga o próprio real, a fim de fortalecer a sua mensagem. E, neste processo, há tanto esforço para transmitir verdade no discurso, que o simulacro acaba soando como real - mesmo perdendo o sentido - e nunca é percebido pelo público, que confunde o artificial com o real. "[...] não se trata de um universo duplo ou mesmo de um universo possível - nem possível, nem impossível, nem real, nem irreal: hiper-real – é um universo de simulação" (BAUDRILLARD, 1991, p. 155).

1.4 OS SIMULACROS E A DESINFORMAÇÃO

Compreendendo que o emissor e o receptor possuem papel fundamental na sustentação de um simulacro, podemos relacionar este fato à construção do contexto de desinformação e pós-verdade que vivemos atualmente.

Como foi dito, o emissor e o receptor têm mais influência na credibilidade de um simulacro do que o seu próprio conteúdo, ou seja, mesmo que o discurso seja fraco e tenha perda de sentido, conforme apontou Baudrillard (1991), ele parecerá crível para aqueles que desejam que aquele conteúdo seja verdade.

Esse fato modifica os critérios de veracidade de um conteúdo. Se antes existia um grande esforço dos leitores para comprovar a credibilidade de uma notícia, por exemplo, hoje, na internet, com o auxílio das bolhas sociais, esse critério quase inexiste. Ao se deparar com um

conteúdo que dialoga com os seus valores, o internauta, muitas vezes, se sente convencido, em um primeiro momento, e toma aquilo como verdade, sem avaliar os critérios de veracidade.

Essa nova forma de avaliar e ler as informações faz surgir um cenário de desinformação, que se torna hiper-real, isto é, um cenário manipulado que se converte com o real, sendo confundido com este.

> A divulgação de falsas notícias conduz a uma banalização da mentira e, deste modo, à relativização da verdade. O valor ou a credibilidade dos meios de comunicação se veem reduzidos diante das opiniões pessoais. Os acontecimentos passam a um segundo plano, enquanto o "como" se conta a história ganha importância e se sobrepõe ao "o quê". Não se trata, então, de saber o que ocorreu, mas de escutar, assistir, ver, ler a versão dos fatos que mais concorda com as ideologias de cada um (LLORENTE, 2017, p. 9).

Dessa forma, entendendo que os simulacros são fortemente sustentados pelo seu teor ideológico[4], ao ser desenvolvido, distorcendo as noções de verdade e ocultando alguns fatos para se fortalecer, o simulacro faz surgir uma falsa realidade, que é construída e embasada em diversas ideologias, o que faz com que o público se prenda a tal discurso como se fosse uma verdade absoluta.

Exemplos de *fake-news* que podem ser relacionados à construção de simulacros podem ser observados, em demasia, nas últimas eleições presidenciais no Brasil. Na época, ainda candidato à presidência, Jair Bolsonaro (PSL) foi responsável pela criação de um simulacro que o fortaleceu diante dos eleitores conservadores[5], enquanto prejudicou, no contexto eleitoral e pessoal, o seu concorrente Fernando Haddad (PT).

Tal simulacro foi desenvolvido em um contexto de desinformação, através do kit gay[6]. O material, que na realidade tratava-se de uma cartilha contra a homofobia, foi apelidado como

---

[4] Ao longo deste trabalho, utilizaremos a definição do dicionário Houasseis para o termo "ideologia" e afins, o qual o define como "conjunto das convicções políticas, sociais, filosóficas, etc. de um indivíduo ou grupo de indivíduos" (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p.238)

[5] Define, nesta pesquisa, o termo "conservadores" como um perfil ligado, principalmente, à religiosidade, valores tradicionais e críticos a pautas neoliberais e sociais, como aquelas voltadas aos grupos de minorias representativas.

[6] O material, na realidade, conforme apurou a equipe da Huffpost Brasil, foi elaborado por um conjunto de ONG's relacionadas ao combate à homofobia e ao apoio à diversidade sexual, recomendadas pelo Ministério da Educação em 2004, período em que o petista ainda não comandava o órgão – ele assumiu em julho de 2005 – e, diferente do que Bolsonaro afirmava, o material não incitava a homossexualidade, mas tratava-se de um "Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual". O site ainda afirma que a cartilha, denominada "Escola sem Homofobia", pretendia ser distribuída para professores e alunos do ensino médio e não para crianças, como afirmou o candidato do PSL. Entretanto, devido às críticas entre os setores mais

“kit gay” pela bancada evangélica e foi utilizado pelo candidato de extrema-direita, durante a campanha, como forma de atacar o seu concorrente Fernando Haddad. Na época, conforme apontou a reportagem da Equipe Huffpost Brasil (EQUIPE HUFFPOST, 2018), Bolsonaro afirmava que o material havia sido desenvolvido por Haddad no período em que este ocupava o cargo de Ministro da Educação, no governo Lula, e que seria distribuído para crianças do ensino fundamental,

Neste caso, podemos perceber a formação de um simulacro de primeira categoria que, conforme explica Baudrillard, trata-se de uma cópia óbvia da realidade, isto é, utiliza-se um referencial verdadeiro para criar algo falso. Neste caso, o signo – referencial utilizado pelo presidente – foi a cartilha do programa de combate à homofobia, que, de fato, existiu. No entanto, ela foi distorcida por Bolsonaro, durante a campanha, como tentativa de enfraquecer o seu concorrente Haddad, que foi Ministro da Educação e que poderia ter tido relação com esse programa.

Por embasar-se em um signo verdadeiro, o simulacro de primeira ordem, geralmente, é o mais crível, pois existe um referencial para sustentá-lo. Além disso, as atribuições feitas pelo presidente contra Fernando Haddad, incorporam ainda mais esse simulacro, pois ao afirmar que o material havia sido desenvolvido pelo ministro, que seria distribuído a crianças e que poderia disseminar a cultura do estupro, Bolsonaro dá sentido ao simulacro, fazendo ele se tornar um discurso verdadeiro para a grande maioria conservadora do país. Essa maioria que enxergava o Partido dos Trabalhadores (PT) como uma ameaça ao Brasil e, por esse motivo, acreditava com facilidade em qualquer discurso que enfraquecesse aquele partido. Este é um exemplo claro de como os simulacros são construídos por discursos subjetivos e que dependem fortemente do emissor e do receptor para serem aceitos.

Os simulacros, entretanto, não só criam cenários de desinformação, como este exemplificado. Eles são capazes também de fragilizar veículos de comunicação e instituições de pesquisas, pois, se estes trabalham na base dos fatos e da objetividade, transmitindo ao público, muitas vezes, uma informação que ele não concorda e não quer ler, os simulacros, por outro lado, são construídos com base nos desejos do receptor, ou seja, constrói-se a mensagem que determinado público quer receber, da forma que ele quer receber, sendo assim, os simulacros passam a ser muito bem mais aceitos do que os próprios veículos de comunicação, por exemplo.

---

conservadores do país e do Congresso Nacional, o projeto de distribuição do material foi suspenso em 2011 pela então presidente Dilma Rousseff e jamais chegou as escolas.

> Há muito tempo que a informação ultrapassou a barreira da verdade para evoluir no hiperespaço do nem verdadeiro nem falso, pois aí tudo repousa sobre a credibilidade instantânea. A informação é mais verdadeira que o verdadeiro, por ser verdadeira em tempo real – por isso é fundamentalmente incerta. (...). Logo, nada mais de critérios de verdade ou de objetividade, mas uma escala de verossimilhança. Lançada a informação, enquanto não for desmentida, será verossímil. E, salvo acidente favorável, nunca sofrerá desmentido em tempo real; restará, portanto credível. Mesmo desmentida não será nunca mais falsa, porque foi credível. Contrariamente à verdade, a credibilidade não tem limites, não se refuta, porque é virtual" (BAUDRILLARD, 1997, p. 60 *apud* RUBLESCK, 2009, p. 5).

Segundo Baudrillard, a era pós-moderna vive hoje um hiper-realismo cotidiano, em que já não há limites entre a farsa e a falsificação (BAUDRILLARD, 1997 *apud* RUBLESCK, 2009, p. 4). "A credibilidade das notícias centra-se na sua transmissão e não mais na apuração dos fatos". (BAUDRILLARD, 1997, p. 59 *apud* RUBLESCK, 2009, p. 5).

Dessa forma, podemos entender que hoje as noções de verossimilhança construídas pelos simulacros superam essas mesmas noções desenvolvidas pelo jornalismo. Se no campo da comunicação, há todo um esforço para significar o mundo da forma mais verossimilhante possível, através de vários conceitos de apuração e objetividade jornalística, no universo dos simulacros, o conceito de verossimilhança se desenvolve quase que de forma independente dos referenciais, baseando-se, principalmente, nos desejos do receptor.

Como consequência disso, como aponta Baudrillard (1997), a credibilidade das informações, hoje, já não depende mais dos conceitos de apuração jornalística, mas sim de uma "boa" transmissão, ou seja, basta que um conteúdo seja bem transmitido pelo seu emissor e seja destinado para o receptor correto - aquele que deseja recebê-lo - para se tornar crível.

Dessa forma, os simulacros tornam-se cada vez mais atraentes do que os discursos jornalísticos. Mais do que isso, muitas vezes, para se sustentar, os simulacros ainda anulam as informações do campo jornalístico e científico, tornando as emoções mais críveis do que a objetividade dos fatos. Como consequência disso, há, além de um contexto de desinformação e pós-verdade, um enfraquecimento do fazer jornalístico, conforme aponta Rublesck (2009).

> O jornalismo pós-moderno, em tempos do hiper-espetacular (...) perde a força no seu bem até então mais precioso: a linguagem, a informação, o texto jornalístico. No jornalismo pós-moderno tudo é imagem, interatividade, fragmentação. A estética da imagem cala o texto para bem seduzir. A sedução toma o lugar do argumento (RUBLESCK, 2009, p. 6).

Na era do hiper-real, portanto, a emoção e a sedução dos simulacros, construídos com base nos desejos do interlocutor e do enunciador, tornam-se mais relevantes e mais críveis do

que a própria informação jornalística, podendo levar à corrosão de várias narrativas deste campo.

1.5 SIMULACRO NA POLÍTICA

Esse universo de simulação se expande ainda mais no universo político. Conforme aponta Baudrillard (1991), os simulacros são utilizados como estratégias pelo emissor para convencer o público de algo que ele quer acreditar e, se há um meio onde o maior objetivo é convencer a massa sobre ideias que já estão pré-determinadas pelo público, esse meio é o político.

Nas propagandas eleitorais observamos vários tipos de simulacros criados pelos candidatos para se promoverem ou criticarem o concorrente. Na eleição presidencialista de 2010, no Brasil, conforme aponta Alves e Caleiro (2011), os candidatos Dilma Rouseff (PT) e José Serra (PSDB) se atacaram através de uma propaganda de TV. A primeira versão do comercial foi transmitida por Dilma.

> Na propaganda, o ator contratado analisa as características do governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), quando o candidato da oposição, José Serra (PSDB), era ministro, separando-as nas categorias “coisa de rico” e “coisa de pobre” numa estrutura semelhante a degraus de uma escada, dando a noção de graduação das necessidades. Assim, num lado eram colocados o que o governo julgava ser para rico e do outro o que julgava ser para pobre, sendo o nível de necessidade dosado de acordo com a localização do degrau [...]. Logo depois da veiculação da propaganda, o PSDB lançou uma propaganda muito semelhante, utilizando inclusive o mesmo ator, a mesma estrutura de degraus, o mesmo fundo escuro e a luz central, focando o ator, a mesma trilha sonora, com uma diferença: no fim, o partido tenta uma reviravolta, apontando programas do seu governo, como o Bolsa Escola e o Bolsa Alimentação, que mostravam as realizações do governo para mudar a situação mostrada na propaganda da oposição (ALVES; CALEIRO, 2011, p. 10-11).

Nestes casos, podemos notar a tentativa de cada candidato de transmitir a “sua” verdade ao público, nem que para isso tenha que atacar a oposição. É dessa forma que funciona os simulacros. "É sempre uma questão de provar o real através do imaginário, de provar a verdade pelo escândalo, de provar o trabalho por intermédio da greve, de provar o capital pela revolução”. (BAUDRILLARD *apud* SIQUEIRA, 1996 *apud* ALVES; CALEIRO, 2011, p. 11)

Propagandas eleitorais assim se tornam comuns ao ponto do telespectador ser incapaz, muitas vezes, de identificar qual candidato é o autor do modelo original. É neste ponto que se

fortalece os simulacros, quanto ele começa a fazer parte do real e é incapaz de ser diferenciado. “Assim, Baudrillard entendia nossa condição como a de uma ordem social na qual os simulacros e os sinais estão, de forma crescente, constituindo o mundo contemporâneo, de tal forma que qualquer distinção entre ‘real’ e ‘irreal’ torna-se impossível”. (SIQUEIRA, 2007 *apud* ALVES; CALEIRO, 2011, p. 7)

Neste capítulo, analisamos as noções de simulacro propostas por Jean Baudrillard e explicamos de que forma esses simulacros compõem o mundo real, trazendo consequências, principalmente, para o campo jornalístico e político.

2 A NARRATIVA BOLSONARISTA E AS ESTRATÉGIAS DE SIMULACROS

Neste capítulo, seguindo a proposta da pesquisa, vamos analisar de que forma os simulacros compõem os discursos do presidente Jair Bolsonaro e de que maneira esses simulacros são bem sustentados, passando a fazer parte do mundo real e criando, assim, um cenário de desinformação e descredibilização jornalística.

2.1 A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA BOLSONARISTA

Para analisarmos a narrativa do presidente Jair Bolsonaro e compreendermos os seus efeitos para o exercício do jornalismo no Brasil, primeiro, é necessário entender em que contexto ela surgiu e de que forma se concretizou, não só no período eleitoral, mas após.

De acordo com Castro e Cavalcante (2019), a adesão a partidos conservadores e extremistas, no Brasil, está atrelada, entre outras coisas, a crises econômicas e governos anteriores que fracassaram conforme a opinião pública. Ao analisarmos o ano de 2018, onde Bolsonaro surge como candidato à presidência da república, é possível notar exatamente esse cenário de crise e insatisfação contra os governos anteriores.

Naquele ano, após quatro mandatos consecutivos do Partido dos Trabalhadores (PT), uma série de escândalos de corrupção no governo Lula, uma impopularidade da presidente Dilma Rousseff que levou até ao processo de impeachment em 2016 e os dois anos de governo Temer que tiveram a mais alta taxa de reprovação da história da república, a partir da

redemocratização de 1985, chegando aos 82% de rejeição, de acordo com pesquisa realizada pelo DataFolha, em junho de 2018, a insatisfação dos brasileiros com a situação política do país era expressiva. Somado a isso, havia ainda uma intensa crise econômica, com o crédito do PIB despencando de 53,7%, em 2016, para 46,4%, em 2018, de acordo com o Ipeadata, e a alta do desemprego, que no primeiro trimestre de 2018 chegou a taxa de 24,7%, impactando mais de 27 milhões de trabalhadores brasileiros, segundo dados do IBGE.

Neste cenário, a maioria dos brasileiros, insatisfeitos com a situação político-econômica, buscavam por uma nova alternativa na presidência do país, desejando acabar com a série de mandatos consecutivos do PT. Nesse momento surge Jair Bolsonaro, a promessa de uma nova política para o Brasil.

O candidato se aproveitou da situação negativa do país para se fortalecer diante dos eleitores. Em seus discursos, ele prometia acabar com o cenário de corrupção e influências ideológicas deixadas pelo PT no Brasil. "O que está em jogo não é a democracia, não. O que está em jogo é a perpetuação dessa máquina podre que nós temos aí, que vive da corrupção, para tirar de vocês o atendimento médico, a educação, a segurança", disse o candidato em uma transmissão ao vivo nas redes sociais, na véspera do segundo turno das eleições de 2018, conforme divulgou matéria do G1 (BOLSONARO defende, 2018).

Prometendo combater a corrupção e acabar com a dominação da esquerda no Brasil, que chegou a durar quase 14 anos consecutivos, Bolsonaro foi eleito com mais de 57 milhões de votos, sendo 30% desses eleitores, indivíduos que desejam renovação e mudança no poder, conforme apurou uma pesquisa do Datafolha, (DESEJO, 2018), dias antes do segundo turno. Na mesma pesquisa, (DESEJO, 2018), 25% dos eleitores afirmaram que votariam em Bolsonaro devido à rejeição ao Partido dos Trabalhadores. Com esses dados, é possível compreender como Bolsonaro ganhou credibilidade no ano eleitoral, sendo o candidato mais votado e, consequentemente, eleito.

Entretanto, o que não estava tão perceptível, naquela época, pelo menos para os eleitores de esquerda, era que aquele discurso eleitoral contra a esquerda iria se apoiar em uma narrativa anti-comunista que iria acompanhar o presidente durante seu governo, sendo utilizado, muitas vezes, para descredibilizar a imprensa, em situações que o desfavorece.

Tal ancoragem é apresentada não apenas no contexto eleitoral de 2018, mas décadas atrás. Em 1999, quando o presidente era ainda deputado federal do Brasil, ele já demonstrava seu desprezo pela democracia e um perfil anti-comunista, favorável a práticas autoritárias como a ditadura. Em uma entrevista concedida naquela época, ele deixou clara essa postura.

> Através do voto você não vai mudar nada nesse país, nada, absolutamente nada! Só vai mudar, infelizmente, se um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez: matando uns 30 mil. (...). Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocente (BOLSONARO, 1999).

Após eleito, o anti-comunismo[7] continuou guiando a narrativa do presidente. No dia 1º de janeiro de 2019, no evento de posse à presidência, o discurso de Bolsonaro chamou a atenção do público. Ele afirmou que aquele dia era o dia em que "o povo começou a se libertar do socialismo, da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto". Disse ainda que iria restabelecer a ordem no país, acabando com "ideologias nefastas que destroem valores e tradições, destroem famílias, alicerce da sociedade", conforme apontou reportagem da revista Veja (CAMPOS, 2019).

Mais adiante, em setembro de 2019, em discurso na ONU, segundo o jornal A Gazeta do Povo, (DESIDERI, 2019) o presidente atacou mais uma vez a esquerda e citou a "oportunidade de restabelecer a verdade" no país. "Durante décadas o Brasil foi seduzido por uma ideologia que visava não a verdade, mas o poder absoluto" afirmou Bolsonaro, referindo-se à esquerda, ao afirmar, na sequência, que "meu país esteve muito próximo do socialismo", destacando os índices de criminalidade, a crise econômica e o ataque aos valores familiares que aumentaram durante os governos petistas.

O presidente ainda afirmou que essa ideologia "dominou os meios culturais, educacionais e midiáticos, a fim de subverter a família tradicional, substituindo a racionalidade pela manipulação e palavras de ordem" (CAMPOS, 2019).

Mais recentemente, em 14 de agosto de 2020, Bolsonaro reforçou mais uma vez a ideia de acabar com os movimentos de esquerda no país. De acordo com matéria publicada pela revista Carta Capital, (NO PIAUÍ, 2019), em discurso realizado no Piauí, onde o presidente inaugurava uma escola, ele afirmou: "Nós juntos vamos varrer a corrupção e o comunismo do Brasil". Bolsonaro ainda declarou que "O Brasil é um povo que ama a democracia e não vive

---

[7] Não cabe, nesta pesquisa, analisar as definições de comunismo. Utilizaremos, portanto, a visão do presidente sobre esse termo. Para Bolsonaro, o comunismo está ligado a uma ideologia que não permite à liberdade de grupos que valorizam as crenças tradicionais e cristãs. Essa visão pode ser analisada através de vários discursos do presidente, no qual este afirma que "[o comunismo] é um regime ditatorial onde o povo não tem vez". (BEHNKE, 2020) ou "O que esse pessoal de esquerda sempre quis, no final dessa história, ele quis roubar a nossa liberdade" (BOLSONARO, 2020). O presidente associa o termo, portanto, a práticas contrárias ao tradicionalismo e a religiosidade, como a ideologia de gênero e pautas sociais relacionadas a grupos de minorias representativa. Tal classificação pode ser notada através da fala de Bolsonaro no Piauí, quando este afirma que "Acabou a história de bagunçarem com a família brasileira. A família brasileira é sagrada" (BOLSONARO, 2020), atrelando, mais uma vez, a ideologia da esquerda e do comunismo como contrárias aos valores tradicionais.

sem a liberdade. O que esse pessoal de esquerda sempre quis, no final dessa história, ele quis roubar a nossa liberdade”. Para finalizar a crítica, o presidente ainda reforçou seu autoritarismo. “Por isso que eu defendo para vocês a posse de arma de fogo e o porte também”, declarou.

Como se não bastasse o discurso radical e o desejo indiscutível de exterminar a possível população comunista do Brasil, o presidente ainda falou sobre ideologias e defendeu o seu governo afirmando que agora o país tem uma representatividade cristã.

> O Piauí tem tudo. Tem terra, tem água e tem um povo maravilhoso. E mais do que isso, tem um povo que acredita em Deus. Nós respeitamos todas as religiões, mas 90% da população é cristã. O Estado é laico, mas nós aqui somos cristãos e acreditamos em Deus. Acabou a história de bagunçarem com a família brasileira. A família brasileira é sagrada. Nas escolas, cada vez menos, estamos vendo aquele lixo, aquela coisa do capeta chamada ideologia de gênero”, declarou. “Agora, vocês têm um governo cristão (BOLSONARO, 2020).

Com todos esses discursos, Bolsonaro transmite à nação que o Brasil foi dominado e manipulado por ideologias socialistas, mais uma vez, uma tentativa de se favorecer no cenário, apresentando-se como o candidato que representa “a verdade”, aquele que iria recuperar os valores tradicionais e cristãos, libertando o Brasil da dominação socialista que permaneceu durante décadas.

Mais do que isso, o presidente e sua cúpula acreditam em uma iminente invasão comunista prestes a acontecer no Brasil e utilizam disso para justificar os ataques à imprensa e ao Supremo Tribunal Federal (STF), órgãos que, de acordo com os influentes da direita, foram manipulados e conquistados por essa massa comunista.

Um dos fatos mais discutíveis que provam isso é a afirmação do presidente de que não houve um golpe militar no Brasil em 1964. Em 4 de abril de 2019, o governo Bolsonaro enviou uma carta à ONU afirmando que "não houve golpe de Estado" em 31 de março de 1964 e que os 21 anos de governos militares foram necessários "para afastar a crescente ameaça de uma tomada comunista do Brasil e garantir a preservação das instituições nacionais, no contexto da Guerra Fria".

A informação foi apurada pela BBC News (SENRA, 2019), que teve acesso ao conteúdo integral do telegrama confidencial enviado do governo brasileiro ao Itamaraty. O texto foi enviado após o relator especial da ONU sobre Promoção da Verdade, Justiça, Reparação e Garantias de Não Repetição, Fabian Salviolli, ter criticado os planos do governo brasileiro de celebrar o dia 31 de março, (SENRA, 2019).

A ideia de comemorar a ditadura, entretanto, não é novidade no governo, já que o presidente já demonstrou apoio ao coronel Brilhante Ustra - um dos maiores símbolos da repressão e tortura da ditadura no Brasil - classificando-o como um "herói nacional", conforme divulgou a revista Veja (BOLSONARO afirma, 2019). Entretanto, afirmar que não houve ditadura e que o movimento ocorrido em 64 foi feito para evitar uma invasão comunista, essa sim é uma atitude que, provavelmente, os eleitores não previam em 2018.

Mas as justificativas da invasão comunista não se limitam neste ponto. A narrativa olavista-bolsonarista concretiza toda essa ideia a partir da fundação do Foro de SP, em 1991. Em um vídeo divulgado nas redes sociais, em setembro de 2019, Olavo de Carvalho, um dos maiores influentes de Bolsonaro e seus eleitores, afirmou que "o problema do Brasil não é a corrupção. É o Foro de São Paulo. É o poder esquerdista" (VILARDARGA, 2019). O ideólogo ainda criticou a imprensa, afirmando que os veículos estariam dominados por essa ideologia. "A classe jornalística é o grande inimigo do Brasil porque está identificada com o Foro de São Paulo, trabalha para o Foro", afirmou Carvalho, de acordo com reportagem da revista IstoÉ (VILARDARGA, 2019).

Em 18 de dezembro de 2019, o Itamaraty divulgou um artigo do ministro de Relações Exteriores, Ernesto Araújo – um dos principais líderes da ala ideológica do governo Bolsonaro – no qual traçava um panorama da ameaça comunista nos países da América Latina. De acordo com a Folha de S. Paulo (MELLO, 2019), no texto, Araújo afirmava que o "globalismo" era um instrumento para a construção do comunismo.

Segundo o veículo, para o ministro não havia dúvida de que a América Latina viveu dentro de um "horizonte comunista desde 2005, ou possivelmente (...) desde a vitória de Lula em 2002, ou desde a vitória de Chavez em 1999. Na verdade, esse horizonte começou a raiar com a criação do Foro de SP, em 1991", apontou o ministro no texto.

> De acordo com Ernesto, hoje em dia, há a construção de uma sociedade que é liberal apenas na superfície, com aparência de uma economia capitalista com instituições democráticas e direitos humanos, mas que, debaixo disso, esconde ideais comunistas, anticristianismo e manipulação da ciência (MELLO, 2019).

O presidente Bolsonaro, autodeclarado de direita (AGORA, 2019) e simpatizante das duas figuras citadas, concorda que há tentativas de domínio comunista no Brasil através do Foro de SP e, eventualmente, tenta alertar a população através de frases nas redes sociais como essa: "Na próxima quinta, membros do Foro de São Paulo, criado por Fidel Castro, Lula, FARC, entre outros partidos de esquerda e facções criminosas com objetivo de dominar a América

Latina, se reúnem em Caracas-Venezuela para discutir seu Projeto de Poder Totalitário.", que publicou em sua página do Twitter, conforme apontou a equipe de reportagem da BBC Brasil (SANCHEZ, 2019).

Esses e outros discursos reforçam a narrativa anti-comunista de Bolsonaro. Ao afirmar que existe a possibilidade de uma iminente invasão comunista no Brasil, que líderes da esquerda se reúnem para dar o golpe na população e voltar a dominar o Brasil, impondo ideologias não tradicionais, rompendo com os valores cristãos e fazendo retornar os altos índices de corrupção, Bolsonaro se apresenta como a solução para essa não invasão e usa esse possível golpe para se defender de acusações contra ele, realizadas pelo STF e pela a imprensa.

2.2 A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO ANTI-GLOBALISTA

Essa crença em um movimento anti-comunista e a afirmação de que o mundo sofre essa manipulação ideológica tem raízes muito mais profundas do que os discursos citados. Essa narrativa se constrói a partir do “anti-globalismo”.

De acordo com o ministro de Relações Exteriores do governo Bolsonaro, Ernesto Araújo, “globalismo” significa "a globalização econômica que passou a ser pilotada pelo marxismo cultural". Para o ministro, o termo representa a influência ideológica do marxismo no mundo, que impõe “ideologia de gênero, obsessão climática e antinacionalismo”. Os conceitos foram apresentados em um artigo escrito pelo ministro em seu blog Metapolítica, conforme apurou matéria da BBC Brasil (GRAGNANI, 2019).

O cientista político americano Joseph Nye (2019) explica, em entrevista à BBC Brasil, que o termo “globalismo” se tornou um slogan político que "tem sido usado por líderes nacionalistas-populistas para condenar elites envolvidas em negócios globais, como comércio e instituições internacionais" (GRAGNANI, 2019).

Já o linguista belga Jan Blommaert (2019), professor de Língua, Cultura e Globalização na Universidade Tilburg, entrevistado pela BBC Brasil, afirmou que a palavra tem sido utilizada em três significados: contra à imigração e à diversidade, à governança transnacional e à esquerda.

> Os antiglobalistas são contrários à imigração e à diversidade ("os debates contra a imigração evitam a palavra 'racismo' e a substituem por 'antiglobalismo'", diz), à governança transnacional e, por fim, se opõem também à esquerda ("ela é culpabilizada pela imigração, pela diversidade, a ascensão das mulheres - o que seria

> uma perda das 'tradições culturais' e valores - e pela construção de um sistema de governança transnacional") (BLOMMAERT, 2019).

Essa definição explica o fato do presidente justificar diversos atos pela possível invasão comunista, identificada pelas figuras de esquerda, que, segundo a lógica dos anti-globalistas, querem destituir os valores tradicionais do país.

O simulacro criado por Bolsonaro no cenário eleitoral de 2018, relacionando o chamado “Kit Gay” com o seu adversário político Fernando Haddad (PT), se mostra como um dos exemplos dessa tentativa do presidente de atribuir à esquerda práticas não tradicionais, que ferem os valores conservadores e cristãos do Brasil.

O ministro Ernesto Araújo afirma ainda, de acordo com matéria da BBC Brasil (GRAGNANI, 2019), que "O globalismo se constitui no ódio, através das suas várias ramificações ideológicas e seus instrumentos contrários à nação, contrários à natureza humana, e contrários ao próprio nascimento humano. (...). Não acreditem no que o globalismo diz quando diz que para ter eficiência econômica é preciso sufocar o coração da pátria e não amar a pátria. Não escutem o globalismo quando ele diz que paz significa não lutar", reforçando o sentido de que o movimento globalista vai contra os valores patriotas defendidos pelo governo.

Esse conceito de “amar a pátria” em oposição ao "globalismo", conforme apontou a reportagem da BBC Brasil, (GRAGNANI, 2019), também é compartilhado por Donald Trump. Segundo a reportagem, em seu discurso na Assembleia Geral da ONU em 2018, o presidente americano afirmou que os Estados Unidos ‘rejeitam a ideologia do globalismo e abraçam a doutrina do patriotismo’”.

Esse conceito de anti-globalismo, entretanto, não se limita ao cenário americano e no Brasil não é representado exclusivamente pelo ministro Ernesto Araújo. Esse termo se difundiu no governo Bolsonaro, muito possivelmente, pela influência de Steve Bannon, ex-assessor de Donald Trump e idealizador do Breitbart News, um site de extrema direita célebre pela disseminação de notícias falsas e conteúdo de cunho racista, conforme definiu o El País (PIRES, 2020). “Entre as técnicas para viralizar publicações, a página concentrava esforços em difamar políticos democratas e difundir teorias sobre uma hipotética conspiração global de esquerda contra o que chamava de ‘valores tradicionais americanos’”, apurou o El País.

O site de Bannon, de acordo com o The Intercept Brasil (FILHO, 2020), foi responsável por disparar uma Fake News contra Hilary Clinton, apontando que a adversária de Trump na corrida presidencial de 2016, comandava uma rede de pedofilia que costumava praticar orgias

com crianças nos fundos de uma pizzaria em Washington. Narrativa semelhante à criada por Bolsonaro com o Kit Gay em 2018.

Essa semelhança, porém, não parece ser apenas coincidência. Steve Bannon tem uma relação próxima da família Bolsonaro desde quando o líder do executivo era somente candidato à presidência. Além de apoiar a candidatura de Bolsonaro em 2018, Bannon é próximo do seu filho, Eduardo Bolsonaro, com quem se encontrou no ano eleitoral, conforme apontou o portal JC (QUEM, 2020).

A proximidade do influente da extrema-direita norte-americana com o governo Bolsonaro se estendeu ainda mais em 2019, quando Eduardo Bolsonaro se tornou líder do The Movement, um movimento criado por Bannon, após deixar o governo de Trump, que tem como objetivo apoiar o nacionalismo populista, rejeitando a influência do globalismo, conforme apontou também o site JC (QUEM, 2020).

Em uma postagem em sua rede social, o segundo filho do presidente apareceu em uma foto com ex-assessor de Trump, demonstrando apoio ao seu trabalho e felicidade em representar seu movimento no Brasil.

Figura 1 – Eduardo Bolsonaro e Steve Bannon

Fonte: Twitter de Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP)

Além da relação próxima com Eduardo, Steve já demonstrou afinidade com o próprio Bolsonaro, chegando a afirmar, nessa mesma época, ao jornal Folha de S. Paulo, que o presidente brasileiro “é a chance de espalhar o movimento de direita pela América do Sul, conforme apurou o portal JC (QUEM, 2020).

O pilar dos simulacros bolsonaristas, então, que serão analisados no próximo capítulo, se consolida a partir de toda essa influência do movimento anti-globalismo e anti-comunismo. Ao acreditar que existe a possibilidade de uma invasão comunista no Brasil, através do Foro de SP, e ao apoiar o movimento ultraconservador de Bannon, que acredita em uma “conspiração global de esquerda” contra os “valores tradicionais”, Bolsonaro cria suas narrativas a partir desses vieses, utilizando essa hipotética realidade para se desviar, muitas vezes, de acusações da imprensa.

2.3 SIMULACROS CONTRA A IMPRENSA

Acreditando que o domínio da esquerda no Brasil possui reflexos até hoje e que organizações se reúnem para tentar impor uma invasão comunista no país, Bolsonaro utiliza

deste pressuposto para se desviar de acusações da imprensa, com frequência.

Em maio deste ano, em um diálogo com apoiadores na portaria do Palácio da Alvorada, uma das apoiadoras do presidente pediu que a Secretaria de Comunicação (Secom) fizesse uma propaganda melhor dele no exterior, pois, segundo ela, a imagem do presidente lá fora não é boa. Bolsonaro respondeu que "A imprensa mundial é de esquerda. O Trump sofre muito nos Estados Unidos também" (BOLSONARO, 2020). O vídeo do discurso foi divulgado pela UOL.

Essa, no entanto, não foi a única vez que o presidente afirmou que a imprensa atua com viés ideológico, de forma contrária ao seu governo. Conforme apurou uma matéria da Folha de S. Paulo, publicada em 27 de fevereiro de 2020, Bolsonaro, em uma live realizada naquele mesmo dia, criticou a revista Época e a Folha. Na transmissão, o presidente afirmou que diria aos empresários, na Fiesp, para não anunciarem em determinados veículos. “(...) esses jornais, essas revistas, revista Época, Jornal Folha de S. Paulo, não anunciem lá, um jornal que só mente o tempo todo, trabalha contra o governo”, afirmou (BOLSONARO elogia, 2020).

Mais recentemente, em julho, Bolsonaro fez um tweet em defesa de alguns jornalistas, com viés de direita, apontando que o fato deles não criticarem o presidente era motivo de perigo para grande parte da mídia dominada pela esquerda radical, conforme divulgou o jornal Folha de Pernambuco (MUTA, 2020).

> Luís Lacombe, Leandro Narloch, Caio Coppolla e Rodrigo Constantino possuem algo em comum, que é opinião própria e independência. Isso já é suficiente para serem considerados nocivos dentro de grande parte da mídia, hoje completamente dominada pelo pensamento de esquerda radical (BOLSONARO, 2020).

Partindo da convicção de que existe uma possível ameaça comunista prestes a acontecer no Brasil, por meio do Foro de SP, e, acreditando que a esquerda radical manipula a grande parte da mídia mundial, Bolsonaro constrói seus simulacros, neste contexto, como forma de se defender diante de todas as acusações da mídia e se sobressair diante de seus adversários políticos.

Um dos maiores exemplos dessa tentativa de descredibilizar a imprensa para diminuir um fato contra si, é o ataque de Jair Bolsonaro contra a jornalista Patricia de Melo Campos, da Folha de S. Paulo. Em 2018, Patricia publicou uma reportagem que denunciava, na época, empresas, apoiadoras do candidato do PSL, envolvidas em um esquema ilegal de disparo de mensagens para campanhas eleitorais contra o Partido dos Trabalhadores (PT). Tal ação criminosa beneficiava Jair Bolsonaro no cenário eleitoral, na época, o que fez com que o presidente se sentisse incomodado com o conteúdo. Em entrevista no Palácio do Planalto, em fevereiro de 2020, Bolsonaro afirmou "Olha, a jornalista da Folha de S.Paulo, tem mais um

vídeo dela aí. (...). Ela falando 'eu sou do PT', certo? O depoimento do Hans River foi no final de 2018 para o Ministério Público, ele diz do assédio da jornalista em cima dele" (BOLSONAR ofende, 2020).

Bolsonaro se refere a uma entrevista dada por Patrícia em 2013 para alunos da PUC, onde ela afirma que é de esquerda e sempre votou no PT. O presidente utiliza essa informação para descredibilizar o trabalho da repórter, relacionando sua opinião pública com o exercício jornalístico. Mais do que isso, Bolsonaro faz uma acusação grave afirmando que a jornalista se insinuou sexualmente para ter acesso às informações da reportagem. “Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim", disse o presidente, (UOL, 2020).

Entretanto, dias antes do discurso, Patrícia havia divulgado ao jornal Folha de S. Paulo toda a conversa entre ela e Hans River – ex-funcionário da agência de marketing denunciada, que forneceu a ela todas as informações sobre o caso – que provava que quem se insinuou sexualmente não foi ela, mas o próprio River, que a convidou para a sair, porém não obteve sucesso (FOLHA expõe, 2020).

Ao acusar a jornalista de insinuação sexual, Bolsonaro desenvolve um simulacro de segunda ordem com o objetivo de distorcer e apagar partes do real. Conforme explica Baudrillard (1991), o simulacro de segunda ordem é uma cópia tão bem feita da realidade, que acaba suspendendo as fronteiras entre realidade e representação.

Ao acusar a jornalista de ter se insinuado sexualmente ao depoente, Bolsonaro ignora toda a conversa divulgada por Patrícia para a Folha de S. Paulo, na qual prova-se que não houve nenhuma insinuação por parte da jornalista. Ou seja, o emissor deforma uma realidade para sustentar algo que se relaciona com esse signo.

Para tentar se defender, o presidente cria um novo acontecimento – de que Patrícia é de esquerda, logo, tende a escrever reportagens que favoreçam essa ideologia e de que a reportagem em questão não merece crédito, pois foi escrita baseada no viés político da jornalista, que ainda se insinuou sexualmente para obter as informações – a fim de apagar o fato verdadeiro – houve disparos de mensagens ilegais contra o PT nas eleições de 2018, bancados pelos eleitores de Bolsonaro.

Ou seja, conforme aponta Ferreira (2011) o simulacro de segunda ordem dissimula e deforma o real, dando outro sentido para o fato. Neste caso, é o que faz o presidente, a fim de desviar o foco da notícia que o desfavorece para um outro ponto que critica e descredibiliza a jornalista.

Ainda este ano, Bolsonaro foi responsável por um dos casos mais graves de crítica à imprensa, diante do contexto de cobertura da pandemia do covid-19 no Brasil. Desde o início da pandemia, o presidente tem tido um posicionamento questionável em relação ao combate à doença, minimizando sua gravidade e afirmando que a mídia é responsável por espalhar pânico e histeria na população, conforme apontou matéria da UOL (BOLSONARO critica, 2020).

No dia 23 de março de 2020, quando as medidas de isolamento social se iniciavam no Brasil para conter o vírus, Bolsonaro foi contra os dados divulgados pelos veículos de comunicação que afirmavam que o covid-19 traria consequências graves ao país. Em pronunciamento realizado em rede nacional, o presidente defendeu a calma, caracterizou o vírus como uma "gripezinha" e afirmou que a mídia se aproveitou do contexto grave da doença na Itália para espalhar o pânico no Brasil. As informações foram divulgadas em matéria do portal UOL (BOLSONARO critica, 2020).

> Quase contra tudo e contra todos, grande parte dos meios de comunicação foram na contramão, espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. (...). O cenário perfeito potencializado pela mídia para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país" (BOLSONARO, 2020).

Indo contra a transparência da mídia em relação à doença, em junho, o governo Bolsonaro modificou a forma de divulgar os dados do coronavírus no Brasil. Até então, era divulgada, diariamente, a quantidade de óbitos confirmada nas últimas 24 horas, mesmo que as mortes tenham ocorrido semanas antes, considerava-se os registros que eram feitos no último dia. A partir da data, o governo anunciou que iria divulgar apenas as mortes que ocorreram, de fato, nas últimas 24 horas, conforme apontou a reportagem do jornal "A Gazeta" (ACABOU, 2020).

A medida pareceu ser uma tentativa do governo de mascarar a doença no Brasil, já que o próprio presidente disse que seria necessário rever a causa de todas essas mortes, conforme divulgou "A Gazeta". "Tem de saber quem perdeu a vida 'do covid' ou 'com covid'. (...). Parece que esse pessoal...Globo, Jornal Nacional, gosta de dizer que o Brasil é recordista em mortes. Falta inclusive, seriedade", afirmou Bolsonaro, deixando implícito que os dados divulgados eram manipulados pela mídia. (ACABOU, 2020).

Três meses depois, com mais de 4 milhões de casos de covid-19 confirmados no Brasil e quase 140 mil mortes pela doença, Bolsonaro voltou a dizer que a mídia "disseminou o pânico na população" e atuou com viés ideológico na cobertura da pandemia. "Parcela da imprensa

brasileira também politizou o vírus, disseminando o pânico entre a população", afirmou o presidente em discurso na ONU, no dia 22 de setembro, conforme divulgou reportagem da Folha de S. Paulo (LEIA, 2020).

Ao acusar a imprensa de trabalhar de forma politizada na cobertura da pandemia do coronavírus no Brasil, Bolsonaro cria mais um simulacro de segunda ordem, dissimulando a gravidade da doença no país. Ao limitar o significado do vírus a uma "gripezinha", o presidente apaga todas as consequências do vírus que fazem parte do real, como as sequelas ao aparelho respiratório e o agravamento da doença que pode levar, e levou, à morte de milhares de pessoas, inclusive jovens.

Outro simulacro criado pelo presidente, que traz sérios efeitos para a credibilidade jornalística e para a sociedade como um todo, é no contexto da preservação do meio-ambiente no Brasil. Desde 2019, Bolsonaro contesta os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), órgão subordinado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, dedicado à pesquisa e exploração espacial.

Em pesquisa divulgada no ano passado, o INPE apontou um aumento de 68% no desmatamento da Amazônia na primeira quinzena de julho de 2019 em comparação com o mesmo período do ano anterior. Após a divulgação dos dados, Bolsonaro contestou a pesquisa, afirmando que os números divulgados prejudicavam a imagem do Brasil no exterior, impactando as relações comerciais. "A questão ambiental, o mundo todo leva em conta. Outros países que estamos negociando a questão do Mercosul, ou até acordos bilaterais, nos dificulta com a divulgação desses dados. Temos que ter responsabilidade", afirmou o presidente três dias após a divulgação da pesquisa pelo INPE, conforme apontou reportagem do G1 (MAZUI, 2019).

Bolsonaro ainda acusou o diretor do Instituto, Ricardo Magnus Osório Galvão, de estar envolvido em alguma ONG, contra o governo. "Mandei ver quem está à frente do Inpe. Até parece que está a serviço de alguma ONG, o que é muito comum", afirmou (BORGES, 2019).

Galvão se defendeu das acusações e, de acordo com reportagem do G1, o INPE declarou, em nota, que sua política de transparência permite o acesso completo aos dados e acrescentou que a metodologia do instituto é reconhecida internacionalmente. Ainda assim, no dia 7 de agosto de 2019, o governo Bolsonaro exonerou Ricardo do cargo (EXONERAÇÃO, 2019).

Mais tarde, em 21 de agosto, o presidente voltou a relacionar os dados divulgados pelo INPE com ações de ONG's, que, segundo ele, possivelmente, estariam atuando contra seu governo. O discurso foi divulgado pelo portal UOL (BORGES, 2019).

> O crime existe e nós temos que fazer o possível para que não aumente, mas nós tiramos dinheiro de ONGs, repasses de fora, 40% ia para ONGs, não tem mais. De modo que esse pessoal está sentindo a falta de dinheiro. Pode estar havendo, não estou afirmando, a ação criminosa desses 'ongueiros' para chamar a atenção contra minha pessoa contra o governo do Brasil (BOLSONARO, 2019).

Ao apontar a possível interferência de ONG's nos dados das queimadas na Amazônia, Bolsonaro tira a sua responsabilidade sobre o a assunto, passando a imagem de que os dados poderiam estar manipulados e, por isso, não merecem tanta atenção e críticas

Em 2020, os conflitos em relação ao meio-ambiente continuaram e o presidente, mais uma vez, se manifestou com discursos insustentáveis. No dia 17 de setembro de 2020, o INPE divulgou um aumento de 208% nas queimadas no Pantanal entre os meses de janeiro e setembro, em comparação com o mesmo período de 2019. Nesse mesmo dia, Bolsonaro afirmou que "O Brasil é o país que mais preserva o meio ambiente". O discurso foi dado pelo presidente em uma cerimônia de inauguração de uma usina na Paraíba e divulgado pela revista Carta Capital (MIAZZO, 2020).

A fala do presidente foi feita após o vice-presidente Hamilton Mourão receber uma carta de um grupo formado por oito países europeus que cobravam respostas do governo contra os danos ambientais no país. Bolsonaro afirmou "(...) não entendo como é o país que mais sofre ataques vindos de fora no tocante ao seu meio ambiente. O Brasil está de parabéns pela maneira como preserva o seu meio ambiente" (MIAZZO, 2020).

Ao contrário do que afirma o presidente, de acordo com dados do Banco Mundial, o país ocupa a 30ª posição no ranking de países que mais protegem suas florestas. Segundo análise publicada no dia 2 de junho de 2020, pelo Global Forest Watch, o Brasil foi responsável por mais de um terço de toda a perda de florestas primárias tropicais úmidas no mundo em 2019, ocupando, dessa forma, o primeiro lugar do ranking dos 10 países que mais apresentaram perdas de área florestal (FAO, 2020).

Figura 2 – 10 países que mais perderam área florestal entre 2010 e 2020

TABLE 7. Top ten countries for average annual net loss of forest area, 2010–2020

Ranking	Country	Annual net change	
		1 000 ha/yr	%
1	Brazil	-1 496	-0.30
2	Democratic Republic of the Congo	-1 101	-0.83
3	Indonesia	-753	-0.78
4	Angola	-555	-0.80
5	United Republic of Tanzania	-421	-0.88
6	Paraguay	-347	-1.93
7	Myanmar	-290	-0.96
8	Cambodia	-252	-2.68
9	Bolivia (Plurinational State of)	-225	-0.43
10	Mozambique	-223	-0.59

Note: The rate of change (%) is calculated as the compound annual change rate.

Fonte: Global Forest Resources Assessment 2020

Mais recentemente, no dia 22 de setembro, em pronunciamento na ONU, Bolsonaro realizou o maior ataque, até hoje, em relação aos registros negativos de preservação ao meio ambiente no país. O discurso foi divulgado pelo portal UOL (ANDRADE, 2020).

> Somos vítimas de uma das mais brutais campanhas de desinformação sobre a Amazônia e o Pantanal. A Amazônia brasileira é sabidamente riquíssima. Isso explica o apoio de instituições internacionais a essa campanha escorada em interesses escusos que se unem a associações brasileiras, aproveitadoras e impatrióticas, com o objetivo de prejudicar o governo e o próprio Brasil (BOLSONARO, 2020).

Ao afirmar que o Brasil sofre uma campanha de desinformação sobre a Amazônia e o Pantanal, apoiada por instituições internacionais e brasileiras que estão contra o seu governo, Bolsonaro não só descredibiliza as instituições de pesquisa e os veículos de comunicação que divulgam esses dados, como também exclui toda a sua responsabilidade sobre o assunto. Dizendo que há uma campanha contra o seu governo, o presidente coloca a população contra os dados, ficando extremamente livre para criar a realidade que quiser a seu favor.

Nesse caso, ao contestar um dado sem apresentar nenhuma argumentação científica que justifique o questionamento, o presidente se baseia exclusivamente na sua doxa, ou seja, o discurso é ancorado em si mesmo, pelo senso comum, sem nenhum embasamento em um signo real. Dessa forma, a narrativa consiste em um simulacro de terceira ordem que, conforme explica Baudrillard (1991), trata-se de um simulacro que não se baseia em nenhum real.

Nesse nível, o simulacro liberta o signo[8] da realidade, não há nenhum esforço de sustentar a narrativa com base em um referencial do mundo real, assim, o emissor fica livre para criar aquilo que quiser. Não existe mais representação do real, o próprio simulacro se autorrepresenta, se baseia em si próprio, com uma meta-credibilidade. "Já não se trata de uma representação falsa da realidade (a ideologia), trata-se de esconder que o real já não é o real e, portanto, de salvaguardar o princípio de realidade". (BAUDRILLARD, 1991, p. 21)

O simulacro de terceira ordem, portanto, é o que mais traz consequências, pois, ao se distanciar totalmente do signo, é possível criar qualquer tipo de realidade, como essa que desenvolveu o presidente de que "o Brasil é o pais que mais preserva o meio ambiente" e que o país é vítima de "uma das mais brutais campanhas de desinformação sobre a Amazônia e o Pantanal". Em que partes do real essas afirmações se sustentam? Nenhuma, apenas na crença do presidente, na tentativa de transmitir uma boa imagem do país governado por ele, de tentar descredibilizar os institutos de pesquisa que, segundo ele, estão "a serviço de uma ONG", e até mesmo o jornalismo, que, para o presidente, é "completamente dominado pelo pensamento de esquerda radical".

[8] O signo linguístico, de acordo com Saussure, é a união entre um conceito e uma imagem acústica, sendo, portanto, uma unidade psíquica de duas faces (SAUSURRE, 2010, p. 80).

3 O OUTRO LADO DO SIMULACRO

Como foi descrito até aqui, em vários momentos o presidente afirma que a imprensa atua de forma enviesada, a favor da esquerda, do socialismo ou do comunismo. Para provar que essas afirmações tratam-se de simulacros, criados pelo presidente para se fortalecer diante das acusações contra ele, observemos a atuação da mídia brasileira na cobertura de dois fatos históricos extremamente importantes na política brasileira: o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, e a condenação do ex-presidente Lula no caso do tríplex, em 2018.

Este capítulo, analisará, portanto, as coberturas dos principais veículos jornalísticos brasileiros sobre esses dois eventos, a fim de evidenciar como a mídia já atuou e atua contra os partidos de esquerda, enfraquecendo o simulacro do presidente de que "a mídia global é de esquerda".

Para demonstrar tal fato, poderíamos analisar diversos outros eventos, porém, considerando a relevância de um impeachment em um país e a prisão de Lula em um ano eleitoral, onde este pretendia se candidatar e, segundo pesquisas do Data Folha (DATAFOLHA, 2020) estava à frente dos concorrentes, nota-se quão determinantes foram esses acontecimentos para o futuro da esquerda no Brasil e, portanto, analisaremos ambas coberturas.

3.1 OS DISCURSOS JORNALÍSTICOS PRÓ-IMPEACHMENT

Em 2015, quando o Brasil vivia uma onda de polarização política que dividia os brasileiros entre pró e contra o impeachment de Dilma Rousseff, a revista VEJA publicou uma edição que revelava, explicitamente, o lado ideológico do veículo nessa disputa (CORREA, 2018).

Figura 3 – Capa da Revista VEJA – ed. 2438

Fonte: Blog do Aluízio Amorim

Com o título "O Brasil pede socorro" e a imagem de uma panela com uma colher, demonstrando o ato de "panelaço", que milhares de brasileiros realizavam como maneira de protesto contra o governo, naquele ano, a VEJA demonstra seu posicionamento a favor das manifestações contrárias à presidente.

Ao exibir na capa da revista o “panelaço”, representado pelo lado pró-impeachment, a revista oculta o outro lado do fato: os milhares de brasileiros que saíram nas ruas a favor da presidente. De acordo com reportagem da UOL, só no dia 13 de março de 2015, cerca de 41 mil brasileiros, conforme calculou o Instituto DataFolha (ATOS, 2015), manifestaram apoio à Dilma em 23 estados do Brasil e no DF.

No rodapé da manchete, alguns tópicos destacam ainda mais o posicionamento do veículo sobre o evento.

> A mensagem do panelaço: aqui, a revista declara que explicará o que o povo está querendo dizer ao fazer panelaço, no caso, demonstrar sua revolta contra o governo da então presidenta Dilma Rousseff; O real derrete: Com este enunciado, entendemos que a intenção da revista foi de insinuar que o governo de Dilma estava desmoronando diante das acusações feitas contra ela e as visíveis manifestações de oposição por parte do povo; O futuro das delações: Este enunciado é utilizado pela revista para dar ênfase ao pressuposto de que a revista traz informações importantes sobre o que acontecerá futuramente com as delações. Aqui, transparece a falta de neutralidade da revista ao fazer afirmações futuras sobre um fato ainda não concretizado, dando indícios evidentes do seu poder na legitimação do processo de impeachment de Dilma; O fim do ciclo populista e corrupto: Novamente, percebemos a intencionalidade por parte da Veja. De modo imparcial, ela anuncia antecipadamente o fim da era do Partido dos trabalhadores à frente do comando brasileiro e, acusa abertamente o partido de corrupto (CORREA, 2018).

Ainda segundo Correa (2018), esses dados no uso da linguagem verbal e não-verbal comprovam o não neutralismo da revista no que se refere à política brasileira. Ao usar o adjetivo “corrupto”, a revista mostra, abertamente, seu tom de julgamento e crítica ao Partido dos Trabalhadores, evidenciando o tom ideológico da matéria.

Mais adiante, em 2016, quando o impeachment contra a presidente foi aberto, a VEJA publicou outra capa demonstrando seu posicionamento em relação à votação do processo que aconteceria três meses depois (CORREA, 2018).

Figura 4 – Capa da revista VEJA, ed. 2.477

Fonte: Blog Políbio Braga

Apresentando na capa as imagens de Dilma e Eduardo Cunha e o título "Tchau, querida. Tchau, querido", a revista denota sua posição a favor do afastamento dos dois políticos. Cunha havia acabado de ser afastado do seu mandato de deputado e da presidência da Câmara dos Deputados. Ele era réu da Operação Lava Jato e, de acordo com Teori Zavascki, procurador-geral da República, na época, "o deputado usou o cargo para destruir provas, pressionar testemunhas, intimidar vítimas ou obstruir as investigações [da Lava Jato]", (OLIVEIRA, 2016), apontou matéria do G1.

Ao colocar o ex-deputado junto a ex-presidente na capa, a VEJA tenta associar os dois políticos, afirmando que o afastamento de ambos seria suficiente para trazer um novo cenário positivo ao Brasil, conforme demonstra na linha-fina: "Com o impeachment de Dilma Rousseff

e o afastamento de Cunha, o Brasil tem chance histórica de fazer uma limpeza inédita na vida pública". (VEJA, 2016). Logo abaixo da linha-fina, destaca-se outra frase ainda mais reveladora: "VEJA acompanhou os últimos dias da presidente" (VEJA, 2016), revelando o desejo e a previsão do veículo de que a presidente seria afastada.

Ainda nesta edição, para reforçar o cenário político negativo do país e que estava próximo de se tornar positivo, segundo a VEJA, apresenta-se na parte superior da capa a seguinte frase: "No topo da cadeia: Lula é acusado pelo procurador-geral da República de integrar a 'organização criminosa' que se instalou na Petrobrás" (VEJA, 2016), evidenciando ainda mais o cenário de queda da esquerda e apontando, como consequência, "uma luz no fim do túnel" na vida pública do país (VEJA, 2016).

Com essas manchetes, fica evidente a atuação do grupo VEJA contra os governos do PT e a favor do impeachment de Dilma. No entanto, esse não foi o único veículo que atuou de forma pró-impeachment. O jornal "O Globo", pertencente ao Grupo Globo, o qual, o presidente Bolsonaro afirma persegui-lo há 10 anos, conforme escreveu em seu twitter (APÓS, 2020), também já "perseguiu" governos de esquerda, demonstrando-se também a favor do impeachment de Dilma.

Em 19 de março de 2016, quando o impeachment ainda não havia sido aprovado pela Câmara, mas já estava em discussão, "O Globo" publicou um editorial com o título "O impeachment é a saída institucional para a crise", apontando seu posicionamento de que o impeachment não era golpe, como a oposição afirmava, mas um processo que levaria à saída do país da crise. (RODRIGUES, p. 43, 2018).

Figura 5 – Editorial “O Globo” – 19/03/2016

oglobo.globo.com

O GLOBO

O impeachment é uma saída institucional da crise

O Congresso inicia a tramitação do processo de impedimento, para não haver dúvida de que as instituições resolverão os impasses, e não as ruas

EDITORIAL
19/03/2016 - 00:00

Fonte: Jornal “O Globo”

> Lia-se ali que ‘com o processo do impeachment tramitando, abre-se uma válvula de descompressão’ para a crise econômica e política e que ‘o Congresso e a Justiça (...) são as únicas formas de o país ultrapassar a crise sem abalos institucionais’. Ou seja, na opinião do jornal, os fundamentos técnicos para o impeachment não eram tão relevantes; fundamental era a superação da crise e o impeachment era o caminho (RODRIGUES, p. 43-44, 2018).

Próximo da votação do impeachment, em 25 de agosto, o veículo publica outro editorial em que revela, explicitamente, que a ex-presidente cometeu crimes de responsabilidade, defendendo, portanto, o impedimento do seu mandato.

Com o título “Não faltam provas para o impeachment de Dilma”, o grupo Globo afirma, no editorial que “O impeachment ‘entra hoje na fase final, sem que o lulopetismo e o advogado da presidente, José Eduardo Cardozo, sejam convincentes ao rebater a acusação de que ela cometeu crimes de responsabilidade no campo fiscal”. (RODRIGUES, p. 44-15, 2018)

Figura 6 – Editorial “O Globo” – 25/08/2016

oglobo.globo.com

O GLOBO

Não faltam provas para o impeachment de Dilma

Processo chega à fase final, tendo sido dado todo espaço à defesa, mas que não consegue responder, sem deixar dúvidas, às acusações de crimes de responsabilidade

EDITORIAL
25/08/2016 - 00:00

Fonte: Jornal “O Globo”

Com essas análises, é possível notar que, diferente do que afirma o presidente, a mídia já atuou contra os governos de esquerda, o que enfraquece o seu discurso de que “a mídia global é de esquerda”, logo, todas suas matérias são escritas com o objetivo de criticar e denegrir a imagem do governo Bolsonaro, como um ataque à direita.

As coberturas da VEJA e do “O Globo”, dois grandes veículos brasileiros, tiveram grande repercussão no país e no mundo devido à relevância e à credibilidade que a revista e o jornal possuem no jornalismo brasileiro. Levando em consideração ainda a relevância de uma cobertura de impeachment no Brasil e no mundo, nota-se que, assim como o presidente demonstra que a mídia brasileira contribui para a construção de uma imagem negativa do seu governo, a imprensa também construiu imagens negativas da esquerda pelo mundo, através de algumas de suas coberturas com vieses contrários a esta ideologia, descredibilizando, assim, a afirmação de Bolsonaro de que a mídia global atua a favor da esquerda.

3.2 A COBERTURA DA CONDENAÇÃO DE LULA PELA MÍDIA

No dia 14 de setembro de 2016, o Ministério Público Federal (MPF), acusou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva de corrupção passiva e lavagem de dinheiro (LEIA, 2016). A partir deste momento, inicia-se grandes narrativas no jornalismo brasileiro que revelam como alguns veículos atuaram de forma favorável à condenação do ex-presidente, que aconteceu em janeiro de 2018 pelo TRF-4.

O jornal Folha de S. Paulo, veículo impresso de maior circulação no Brasil, com 332.415 exemplares diários, segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), é um jornal que se apresenta com um tom mais neutro e se comunica, majoritariamente, para um público de centro-esquerda, conforme aponta pesquisa do GPS Ideológico da Folha (MARIANI, 2019). Apesar disso, o veículo também demonstrou indícios tendenciosos durante o período da acusação até a prisão do ex-presidente Lula.

No dia 12 de julho de 2017, Lula foi condenado pelo juiz federal Sérgio Moro a nove anos e seis meses de prisão pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro na ação penal que envolvia o *triplex* no Guarujá (LULA, 2017). No dia seguinte, a Folha demonstrou, abertamente, a sua convicção de que o presidente havia cometido o crime e, portanto, merecia a condenação.

> Em nada surpreendente, a decisão do juiz federal Sergio Moro se reveste de inevitável simbolismo —ainda que as questões referentes à posse de um apartamento tríplex no litoral paulista pareçam minudências diante do oceano de evidências de corrupção bilionária na administração petista. A esta altura, só grupelhos fanáticos ou militantes profissionais negarão a sangria descomunal de recursos da Petrobras —que não se daria em tal escala sem a conivência do primeiro escalão do Executivo— e a sem-cerimônia com que Lula manteve relações com as empreiteiras do esquema (FOLHA, 2017).

No final do texto, o jornal ainda denomina de “pregação farsesca” a defesa de Lula na condenação.

> Réu em outras quatro ações penais, líder também entre os rejeitados pelos eleitores, o petista se dedica à pregação farsesca de que seria vítima de perseguição política. Por disparatada que seja tal retórica, seu partido ainda dispõe de força para reverberá-la com o objetivo de pressionar os tribunais (FOLHA, 2017).

Mais adiante, em 20 de dezembro, Lula deu uma entrevista coletiva no Instituto Lula que foi tema do editorial da Folha na semana seguinte (A OFENSIVA, 2018). Publicado no dia 28, o texto, que expressa a opinião do jornal, afirmava que o ex-presidente afrontou abertamente as instituições do Estado democrático ao se defender e negar todas os crimes de que é acusado.

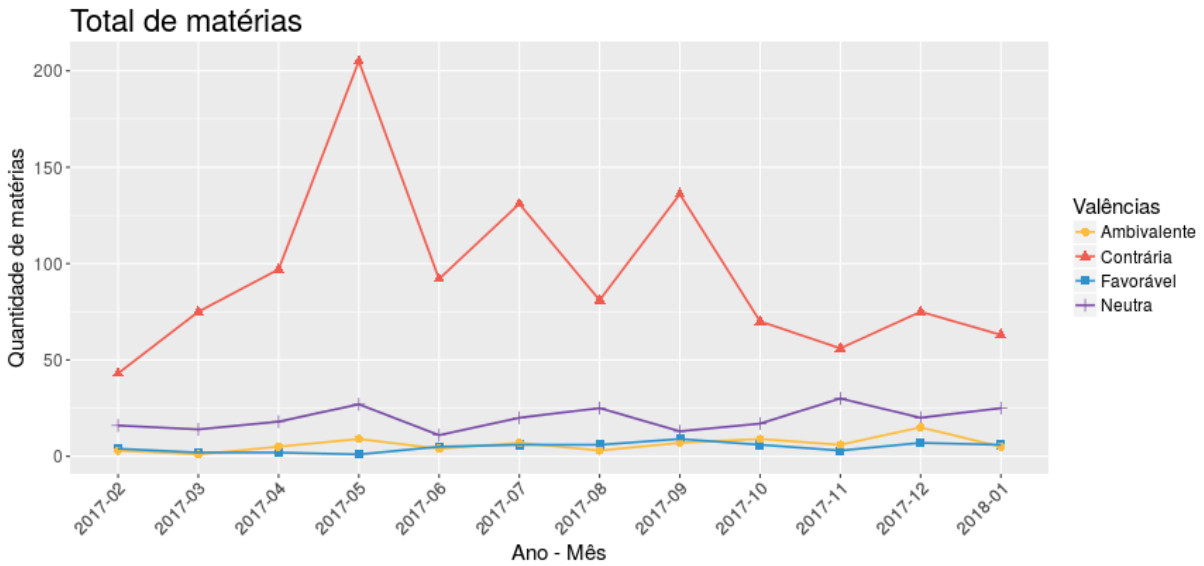
> Há muita diferença, todavia, entre a atitude de quem se defende com firmeza de uma acusação e a tentativa de afrontar abertamente as instituições de um Estado democrático. Confiando nos seus ainda elevados índices de popularidade, o ex-presidente Lula parece apostar na segunda alternativa (FOLHA, 2017).

Posteriormente, o veículo deixa claro seu posicionamento favorável à condenação de Lula, afirmando que não faltam provas para incriminá-lo. “Não faltam provas, entretanto, quanto às reformas feitas sob medida no apartamento (...). Não se trata de ‘piada’ a condenação, longa e minuciosamente fundamentada, que foi imposta a Lula em Curitiba”. (FOLHA, 2017).

Para reforçar o seu apoio à Justiça e a crítica ao discurso do ex-presidente, no trecho final do editorial afirmam: “O cacique petista se põe acima da lei; no desespero, aposta no descrédito da Justiça e da própria legitimidade do processo eleitoral”. (FOLHA, 2017).

A Folha de S. Paulo, entretanto, não foi o único veículo que se mostrou favorável à condenação do ex-presidente. De acordo com pesquisas realizadas pelo Manchetômetro - um site de acompanhamento da cobertura da grande mídia sobre temas de economia e política - entre janeiro de 2017 a janeiro de 2018, os jornais O Estado de São Paulo e O Globo, juntos com a Folha, publicaram, em sua maioria, matérias contrárias ao ex-presidente Lula, conforme apontou o site Mídia Ninja (MIELLI, 2018).

Figura 7 – Manchetômetro – jornais impressos

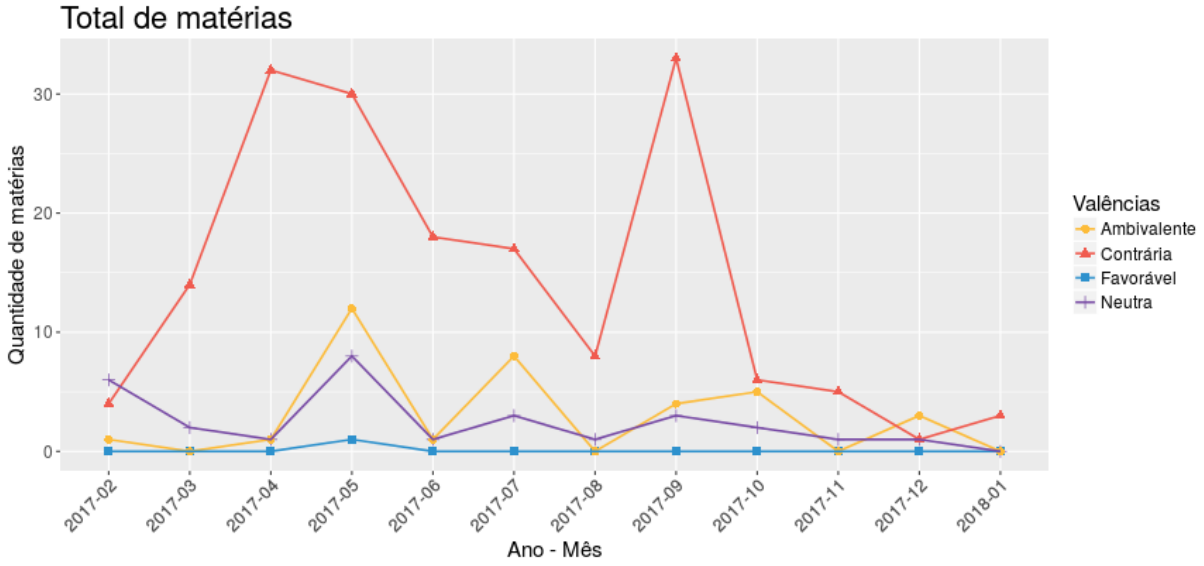


Total de matérias publicadas entre janeiro de 2017 e janeiro de 2018 nos jornais Folha de S.Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. Valências sobre o presidente Lula.

Fonte: Mídia Ninja

Além dos jornais impressos, o Jornal Nacional, de acordo com o levantamento, também publicou, em sua maioria, matérias contrárias à Lula, nesse mesmo período, conforme divulgou o Mídia Ninja (MIELLI, 2018).

Figura 8 – Manchetômetro "Jornal Nacional"



Total de matérias publicadas entre janeiro de 2017 e janeiro de 2018 nos Jornal Nacional. Valências sobre o presidente Lula.

Fonte: Mídia Ninja

De acordo com matéria do Fórum (LEVANTAMENTO, 2016), a pesquisa do Manchetômetro é realizada pelo cientista político, sociólogo e mestre em Filosofia, João Feres Júnior, vice-diretor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ e coordenador do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP). Em entrevista para o portal Fórum, João afirmou que o Jornal Nacional produziu 14 horas de programação contra Lula no ano da sua acusação pelo MPF.

> Nosso estudo também mostra que somente de janeiro a agosto de 2016 o presidente Lula foi objeto de 14 horas de matérias negativas, ou seja, que de alguma maneira lhe eram desfavoráveis. Também podemos dizer que quase metade dessas matérias continham algum tipo de acusação contra Lula (...) (JUNIOR, 2019).

De acordo com o sociólogo, a atuação do Jornal contribuiu ainda para formar opiniões contrárias dos brasileiros em relação a defesa de Lula (LEVANTAMENTO, 2016).

> Mas me parece inequívoco que a campanha de mídia movida contra Dilma, Lula e o PT contribuiu em muito para produzir um clima de opinião favorável ou passivo, para organizar e chamar às ruas os setores mais exaltados, para colocar pressão sobre ministros do Supremo e políticos e para organizar as elites interessadas no golpe, como ruralistas, empresários etc (JUNIOR, 2016).

De acordo com o site "Bem Blogado" (PESQUISA, 2016), a pesquisa realizada pelo LEMEP foi entregue ao juiz federal Sérgio Moro e à Comissão Internacional de Direitos Humanos da ONU, em 16 de novembro de 2016, pela defesa de Lula. O site também divulgou os dados detalhados da pesquisa que demonstravam a valência e a quantidade de tempo dos conteúdos.

Figura 9 – Valência das matérias publicadas pelo JN sobre Lula

Frequência das matérias e viés (contrario a Lula, favorável ou neutro)

	dez/15	jan/16	fev/16	mar/16	abr/16	mai/16	jun/16	jul/16	ago/16	TOTAL
Contrária	6	14	23	85	15	18	13	6	5	185
Neutra	6	1	4	31	15	11	1	1	1	71
Favorável	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
TOTAL	12	15	27	116	30	29	14	7	6	256

Fonte: LEMEP

Fonte: Site Bem Blogado

"O JN divulgou 2,6 matérias contrárias a Lula para cada matéria neutra. 46.359 segundos de matérias com viés contrário = 12 horas 52 minutos", o equivalente à transmissão de 7 partidas de futebol, ou um mês de novela, conforme apontou o site. Já as matérias com viés neutro tiveram 14.639 segundos = 4 horas (menos de um terço do tempo das matérias negativas), enquanto as matérias de viés positivo apresentaram 0 segundos, segundo o site. "Quando computado o tempo das matérias o viés sobe para 3,2 segundos de matérias contrárias para 1 segundo de matérias neutras, o que leva a concluir que as matérias contrárias são em média mais longas que as neutras", revelou (PESQUISA, 2016).

De acordo com os dados da pesquisa, interpretados pelo site Bem Blogado, o ex-presidente é acusado em praticamente metade das matérias do JN, na maioria das vezes acusado de corrupção (91%). Já em relação ao tema das matérias, de acordo com a pesquisa, o Petrolão lidera o ranking de pautas com 84% (PESQUISA, 2016).

Com esses dados, é possível revelar que grandes veículos de comunicação atuaram de forma favorável ao impeachment de Dilma Rousseff e à condenação do ex-presidente Lula no caso do tríplex, indo contra a defesa dos petistas em diversas reportagens e editoriais, conforme foi exibido.

Isto posto, fica mais evidente que o discurso criado por Bolsonaro de que "a mídia global é de esquerda" e que o seu governo sofre perseguição pela Rede Globo, trata-se de um simulacro criado pelo presidente para alterar a realidade e criar um cenário que o favorece diante das acusações.

Ao afirmar que a mídia, de forma geral, atua em favor dos governos de esquerda, Bolsonaro oculta todo o restante da narrativa, que evidencia as atuações da imprensa contra os governos do PT, chegando à conclusão de que a sua narrativa consiste em simulacros, de primeira, segunda e terceira categoria, criados para ocultar e alterar a realidade, construindo um viés que sempre o favoreça diante de reportagens críticas a seu governo.

4 OS EFEITOS DO SIMULACRO PARA O JORNALISMO E O TRABALHO DO JORNALISMO CONTRA OS SIMULACROS

Como foi explicado no 1º capítulo dessa pesquisa, segundo Baudrillard (1991), os simulacros tratam-se de situações descentradas e modelos de simulação rearranjados dentro do mundo real, de forma tão próxima da realidade que passam a ser confundidos com a própria realidade, enquanto esta torna-se ficção. "O auge da simulação consiste em restabelecer todas as dimensões suprimidas com o intuito de tornar a imagem mais real que a realidade: 'ela mascara a ausência de uma realidade profunda; ela não tem relação com qualquer realidade: ela é o seu próprio simulacro puro'" (BAUDRILLARD, 1991, p. 13 *apud* RAMIRES e RODRIGUES, 2015, p.2).

Levando em consideração o compromisso do jornalismo com a verdade, podemos perceber como os simulacros atuam de forma contrária ao exercício da imprensa. Enquanto essa tem o dever de informar a população sobre os fatos que ocorrem na sociedade diariamente, trabalhando, para isso, com os serviços de apuração e checagem de notícias, o simulacro, por outro lado, apresenta à sociedade um universo que não é verdadeiro, que muitas vezes nem tem relação com o real, porém, é apresentado como se fosse legítimo de realidade, o que faz com que o mundo real, de fato, aquele que é apresentando diariamente pelo jornalismo através das notícias apuradas e checadas, seja visto como um universo manipulado e não digno de credibilidade.

Um fato que prova essa perda de credibilidade da mídia no mundo é o estudo realizado pelo Edelmant Trust Barometer, em 2018, que revelou que a mídia é a instituição menos confiável globalmente. A pesquisa foi realizada com mais de 33 mil pessoas de 28 países em outubro e novembro de 2017. Dentre as 28 nações entrevistadas, em 22 foi constatado que a mídia se encontra em território de desconfiança, conforme divulgou o Portal Imprensa. (PESQUISA APONTA, 2018).

De acordo com a pesquisa, o Brasil está entre as três nações que mais apresentaram queda na confiança da mídia. Apenas 43% dos brasileiros entrevistados afirmaram que a imprensa é uma fonte confiável. 58% dos brasileiros disseram que não sabem diferenciar o que é verdade do que é mentira (PESQUISA APONTA, 2018).

O estudo também apontou como a mídia é vista, pela maioria, como uma instituição que não trabalha em prol da verdade, mas sim por interesses ideológicos e audiência. "71% acreditam que os meios de comunicação sacrificam a exatidão para serem os primeiros a darem

uma notícia. Já 67% dizem que os veículos apoiam uma ideologia em vez de informar o público". (PESQUISA APONTA, 2018).

Tais dados revelam a potencial crise de credibilidade que o jornalismo vem sofrendo. Além de enxergarem a mídia como proliferadora de informações manipuladas em razão de interesses ideológicos, a maioria dos brasileiros entrevistados não sabem diferenciar verdade de mentira, o que contribui ainda mais para o enfraquecimento do jornalismo, que passa a ser confundido com o contexto de informações falsas, divulgadas, muitas vezes, pelos discursos em simulacros.

Para evidenciar como esses simulacros têm relação com a perda de credibilidade do jornalismo, analisemos o terceiro simulacro apresentado nesta pesquisa, no qual Jair Bolsonaro afirma que a imprensa foi responsável por politizar o covid-19 e espalhar o caos na sociedade. Nesse discurso podemos notar uma consequência grave, não só para o jornalismo, mas também para a saúde pública. Ao disseminar esse tipo de frase, o presidente transmitiu à nação brasileira uma mensagem que minimizava a doença, construindo um cenário diferente do qual vivíamos.

Como consequência disso, parte da população brasileira, apoiadora de Bolsonaro, passou a tomar o discurso do presidente como base, ignorando os dados da doença divulgados, diariamente, pela mídia, que provavam que o vírus era grave e que merecia atenção. Parte do grupo de eleitores de Bolsonaro passou, então, a desrespeitar as medidas de isolamento social defendidas pela OMS e divulgadas, com frequência, em rede nacional, pelos principais veículos de comunicação. Como resultado, o número de infectados por covid-19 aumentou nessas regiões onde o presidente tinha maior apoio, conforme divulgou a Folha de S. Paulo (GARCIA, 2020).

A pesquisa divulgada pela Folha foi nomeada de "Efeito Bolsonaro" na propagação da pandemia do coronavírus no Brasil e foi realizada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em parceria com o Instituto Francês de Pesquisa e Desenvolvimento (IRD), (GARCIA, 2020).

> Este estudo concluiu que em praticamente em todas as ocasiões em que o presidente minimizou a pandemia, a taxa de isolamento social no Brasil diminuiu – e mais pessoas se contaminaram e morreram, proporcionalmente nos municípios em que Bolsonaro obteve uma melhor votação na eleição de 2018 (GARCIA, 2020).

O simulacro produzido pelo presidente traz então uma ameaça ao campo jornalístico, que fora descredibilizado e ignorado durante a maior crise de saúde pública já vivenciada no país. Por não enxergarem as informações divulgadas pela mídia como verdade, muitos brasileiros não seguiram as medidas de combate à doença, trazendo consequências não só para

eles próprios, mas para a população como um todo, visto que a doença é altamente transmissível (ENTENDA, 2020).

Com este exemplo percebemos o quanto o discurso de um presidente influencia no comportamento de uma nação. Ao analisarmos a relação de Jair Bolsonaro com a imprensa, notamos uma influência ainda maior.

De acordo com dados da Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj), divulgados em matéria do G1 no início do ano (CASOS, 2020), o número de agressão contra jornalistas cresceu 36,36% em 2018, com a chegada do presidente na campanha eleitoral. Em 2019, com a posse de Bolsonaro, os números cresceram ainda mais, saltando de 135 para 208 casos. A Fenaj apontou ainda que mais da metade desses ataques foram realizados pelo próprio presidente (CASOS, 2020).

Segundo a Classificação Mundial da Liberdade de Imprensa 2019, o Brasil caiu três posições, ocupando, no ano passado, a posição 105 na lista de 180 nações. (PONCHIROLLI, 2019). De acordo com a ONG:

> Em 2018, ao menos quatro jornalistas foram assassinados no país em decorrência da sua atividade profissional. Na maioria dos casos, esses repórteres, locutores de rádio, blogueiros e outros comunicadores mortos cobriam e investigavam tópicos relacionados à corrupção, políticas públicas ou crime organizado, particularmente em cidades de pequeno e médio porte em todo o país, nas quais estão mais vulneráveis (PONCHIROLLI, 2019).

"Para a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), os políticos atacam a imprensa porque preferem impor ao público o discurso que mais convém aos interesses deles. Situação antiética e perigosa para a democracia". (PONCHIROLLI, 2019).

Com esses dados, é possível afirmar que o principal efeito dos simulacros criados no contexto político é a corrosão da credibilidade jornalística, visto que, ao criar uma realidade que lhes favorecem, esses líderes políticos colocam a mídia como a oposição aos seus discursos, como um órgão que trabalha com interesses ideológicos e que, por isso, não é digno de credibilidade.

No caso do Brasil, o presidente da República, além de criar simulacros que descredibilizam o trabalho do jornalismo a seu favor, ainda é responsável por mais da metade dos ataques contra os profissionais da imprensa, responsabilizando-se ainda mais pela fragilização da profissão.

Neste cenário, o jornalismo assume um papel cada vez mais importante. Se a profissão foi fundada com o objetivo de levar informação à população, hoje, sua função se estende além disso, tendo o poder e o dever de interpretar notícias, influenciando na formação de opiniões e na construção do conhecimento dos indivíduos, conforme aponta Tiago Lobo (2013).

> Devido à saturação da informação, cabe ao jornalista interpretá-la, atribuindo-lhe sentido e precisão na produção de um bem intelectual que dê ao receptor a possibilidade de refletir e, também, de interpretar. É aí que reside a grandeza de um texto e só então pareceria correto atribuir ao jornalismo o papel de auxiliar na difusão do conhecimento (LOBO, 2013).

Seguindo a ideia de Lobo, de que o jornalismo tem o importante papel de contribuir para a construção do conhecimento, Thompson (1999) reforça esse compromisso, acrescentando a importância do jornalismo para o exercício da democracia deliberativa.

> Para Thompson, construir uma democracia deliberativa significa expandir os processos de deliberação, com mecanismos para que os indivíduos tenham informação de qualidade que auxiliem nas decisões. Isso é possível – acredita – com a presença da mídia, que vai fornecer informações e pontos de vistas plurais que contribuem para a formação de opiniões (PACCOLA, p. 5).

Paccola reforça ainda que a mídia tem papel importante na representação da realidade, visto que além de informar, ela contribui para a transmissão de conhecimentos. “A mídia tem um papel a cumprir na transmissão de conhecimentos, e não apenas de informação. Como já foi dito, os meios de comunicação transmitem conteúdos simbólicos que ajudam a construir a representação da realidade” (PACCOLA, p. 5).

De acordo com a pesquisa realizada por Carina Paccola que entrevistou 16 jornalistas de jornais impressos, com o objetivo de analisar a função da atividade profissional do jornalista com a democracia, grande parte dos entrevistados afirmaram que o papel do jornalista é fazer a intermediação entre o poder público e a sociedade. Alguns usaram os termos “fiscalizar”, “supervisionar” e “acompanhar se há irregularidade”, em relação ao poder público (PACCOLA, p. 6). Um dos entrevistados, ao ser questionado sobre qual o papel da profissão na sociedade, respondeu:

> Basicamente, acho que é dar para as pessoas, para o leitor, quem estiver do outro lado da linha, condição de conhecer o mundo delas (...). Dar uma noção da realidade que a gente tem acesso, estruturas políticas, estruturas sociais que estão em torno delas, do que está acontecendo nessas estruturas (...)” – jornalista homem, 26 anos, dois anos e meio de profissão (PACCOLA, p. 6).

Outro entrevistado respondeu que a mídia tem o dever de dar visibilidade aos fatos para a população, contribuindo para que esta forme sua opinião sobre cada assunto.

> Acima de tudo fornecer subsídio para o seu leitor ou espectador ou o ouvinte tomar decisão sobre os fatos que estão acontecendo. (...) você tem como obrigação fornecer a informação clara o suficiente para o receptor dessa informação trabalhar com ela e tomar sua decisão e formar sua própria opinião sobre o fato que está ali sendo narrado (...)" – jornalista homem, 29 anos, oito de profissão (PACCOLA, p.6).

No seminário "Jornalismo: as novas configurações do quarto poder", realizado em 17 de agosto de 2018, no Sesc da Vila Mariana, profissionais da área da comunicação discutiram sobre o papel do jornalismo na democracia. No evento, os jornalistas falaram sobre "os caminhos, através do bom jornalismo, que poderiam trilhar a solução para a reprodução exagerada de discursos polarizados no contexto político atual", conforme divulgou o site LabJor (A IMPORTÂNCIA, 2018).

Para Wilson Gomes, colunista da Revista Cult, "não se trata de sair de discussões com certezas, mas sim, da reflexão ponderada e não enviesada para o lado do que é absoluto". (A IMPORTÂNCIA, 2018), ou seja, a profissão se apresenta como um instrumento de oposição às falsas realidades. Em uma sociedade onde as figuras políticas discursam com base em simulacros, tentando apagar o real e fragilizando todos os fatores que podem, eventualmente, mostrar a realidade, cabe ao jornalismo investigar o que existe por trás desses discursos, transmitindo ao público uma reflexão sobre o que é verdade e o que é simulacro, afastando-se dos discursos absolutos e enviesados, como apontou Gomes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o aumento do número de agressões contra jornalistas desde a chegada de Jair Bolsonaro no cenário eleitoral brasileiro, em 2018, é possível notar um cenário de ameaça e fragilização do jornalismo. Neste contexto, objetivou-se, com esta pesquisa, entender em que consiste a narrativa bolsonarista e quais seus efeitos para o exercício do jornalismo no Brasil, a fim de explicar sua possível relação com os ataques contra a imprensa realizados nos últimos dois anos.

Levando em consideração a importância do jornalismo em uma sociedade democrática e o poder de influência de um presidente da república em uma nação, entende-se que o estudo de uma possível corrosão da credibilidade jornalística é de extrema importância para toda a sociedade, visto que um país com o jornalismo descredibilizado sofre com a desinformação e a falta de transparência que, por consequência, fragilizam também o regime democrático.

Para entender o funcionamento da narrativa bolsonarista e sua relação com a descredibilização jornalística, foi utilizada como objeto de estudo a obra *Simulacros e Simulação*, de Jean Baudrillard (1991), a qual propôs uma análise das três categorias de simulacro existentes, detalhando seus funcionamentos e explicando suas relações com os componentes do mundo real

A partir da pesquisa bibliográfica da obra de Baudrillard e de uma pesquisa analítica, descritiva-exploratória dos discursos de grande impacto do presidente, pode-se concluir que a narrativa bolsonarista consiste em simulacros de primeira, segunda e terceira ordem que para se legitimarem entre o público, descredibilizam o jornalismo e os demais órgãos que trabalham na divulgação de fatos que podem, eventualmente, transmitir imagens desfavoráveis do governo.

Através de *Simulacros e Simulação* (1991) e outras obras referenciadas nesta pesquisa, pode-se concluir também que os simulacros não estão presentes apenas nos discursos do atual presidente, mas em toda a comunicação e, principalmente, no cenário político, onde são utilizados para criar imagens positivas das figuras políticas diante dos eleitores.

Também obteve-se como resultado que esses simulacros, por mais descentrados e distantes da realidade que estejam, se tornam legítimos para os indivíduos que compactuam com as ideologias do seu emissor. Nesse contexto, os conceitos de apuração e checagem de notícias realizados pelos veículos de comunicação, a fim de transmitirem mensagens mais verossímeis possíveis, têm cada vez menos importância, visto que, no atual cenário de pós-

verdade, o público dá credibilidade àquilo que vai ao encontro das suas crenças ideológicas, independente das suas justificações epistêmicas.

Isto é, os simulacros só existem atualmente, pois os receptores estão aptos a os aceitarem. Dessa forma, tanto emissor, como receptor, contribuem para a corrosão da credibilidade jornalística, que perde cada vez mais espaço para os simulacros, que, devido a suas ideologias, aparecem, para muitos, como mais críveis do que os próprios fatos.

Dessa forma, conclui-se que o jornalismo sofre hoje uma corrosão de sua credibilidade, devido, primeiramente, à era da pós-verdade – na qual "as emoções e crenças pessoais têm mais influência do que os próprios fatos na construção de opiniões" (POST-TRUTH, 2020) - e também devido aos simulacros criados pelo presidente que, nos últimos dois anos, vem deslegitimando cada vez mais o jornalismo.

Além disso, o comportamento de Jair Bolsonaro em relação à mídia também é um dos fatores que causam a atual situação de descredibilização do jornalismo, afinal, conforme apontou a Fenaj, o próprio presidente foi responsável por mais da metade dos ataques realizados contra a imprensa em 2019, fato este que gera um cenário de fragilização do jornalismo brasileiro, já que o presidente da República exerce um grande poder de influência no país e no mundo e ao ameaçar e criticar constantemente a imprensa, cria-se uma imagem negativa e inverossímil desta mundialmente.

Contudo, neste cenário de ameaça e fragilização, o jornalismo se transforma e além da sua principal função de narrar acontecimentos da forma mais verossímil possível, passa a ser também um instrumento de luta contra os simulacros. Não basta mais narrar os fatos, é necessário ir contra a desinformação, trabalhar de forma a deslegitimar os simulacros e, para isso, são necessárias muitas mudanças que ainda não foram feitas no jornalismo.

Como podemos ver ao longo desta pesquisa, os veículos de comunicação trabalham, muitas vezes, a favor ou contra determinadas narrativas – o que é fato, visto que a total imparcialidade jornalística é impossível de ser alcançada – e ao se posicionar diante de temas tão polarizados, a mídia acaba favorecendo determinado discurso em detrimento de outro, influenciando o público a defender essas ideologias.

Afinal, como já foi descrito nesta pesquisa, o jornalismo possui o poder de construir opiniões e moldar crenças e conhecimentos dos indivíduos, dessa forma, quando um veículo escolhe se posicionar a favor de um lado ideológico e contra o outro, ele acaba influenciando nas posições que os leitores vão tomar sobre essas ideologias, podendo torná-los susceptíveis à defesa de discursos baseados em tal crença, fortalecendo, assim, os simulacros.

Neste contexto, cabe aos profissionais de comunicação uma transformação no exercício jornalístico. Não propusemos aqui, em nenhuma hipótese, a imparcialidade jornalística como solução, visto que seria uma realidade utópica, entretanto, uma seleção mais ampla das pautas abordadas, com maior diversidade ideológica, talvez seja o caminho para um jornalismo mais ético e distante de crenças.

REFERÊNCIAS

‘ACABOU matéria no Jornal Nacional‘, diz Bolsonaro sobre dados da Covid-19. **A Gazeta**, [S. l.], 5 jun. 2020. Brasil. Disponível em: https://www.agazeta.com.br/brasil/acabou-materia-no-jornal-nacional-diz-bolsonaro-sobre-dados-da-covid-19-0620 . Acesso em: 19 set. 2020.

A ERA DA PÓS-VERDADE: realidade versus percepção. **Desenvolvendo ideias**: Llorente & Cuenca, São Paulo, ano 2017, n. 27, 2017. Disponível em: https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf Acesso em: 21 jun. 2020.

"AGORA o presidente é de direita", diz Bolsonaro sobre Comissão de Desaparecidos. **IG**, [S. l.], 1 ago. 2019. Último segundo. Disponível em: https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-08-01/agora-o-presidente-e-de-direita-diz-bolsonaro-sobre-comissao-de-desaparecidos.html . Acesso em: 10 dez. 2020.

ANDRADE, Hanrrikson de. Com mentiras, Bolsonaro diz que Brasil é alvo de campanha de desinformação. **UOL**, Brasília, 22 set. 2020. Meio Ambiente. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2020/09/22/brasil-e-alvo-de-campanha-de-desinformacao-sobre-queimadas-diz-bolsonaro.htm . Acesso em: 26 set. 2020.

A OFENSIVA de Lula. **Folha de S. Paulo:** Editorial, [s. l.], 28 dez. 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2017/12/1946497-a-ofensiva-de-lula.shtml . Acesso em: 11 out. 2020

AOS FATOS: Em 631 dias como presidente, Bolsonaro deu 1716 declarações falsas ou distorcidas. [S. l.]: Ana Freitas, Tai Nalon e Bernardo Moura, 17 set. 2020. Disponível em: https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/#/declaracao/it-obrasileopa-20200917 . Acesso em: 19 set. 2020.

APÓS AMEAÇAR repórter, Bolsonaro se diz perseguido pela Globo há 10 anos. **UOL**, São Paulo, 24 ago. 2020. Política. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/08/24/apos-ameacar-reporter-bolsonaro-se-diz-perseguido-pela-globo.htm . Acesso em: 10 out. 2020.

ATOS pró-Dilma têm de 28 mil a 120 mil pessoas, divergem PM e sindicatos. **UOL**, São Paulo, 13 maio 2015. Política. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/03/13/entidades-sindicais-realizam-novos-atos-pro-dilma-em-11-estados.htm . Acesso em: 10 out. 2020.

BAUDRILLARD, Jean. **SIMULACROS e simulação**. 1. ed. Lisboa: Relógio D'água, 1991. 208 p. ISBN 978-9727081417.

BEHNKE, Emilly. ‘Vamos mandar embora o comunismo do Brasil‘, diz Bolsonaro. **Terra,** [S. l.], 29 out. 2020. Política, p. 1-2. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/vamos-mandar-embora-o-comunismo-do-brasil-diz-bolsonaro,de510be66320b8a37d5e08b888fdc7d2xxs16sa4.html. Acesso em: 11 dez. 2020.

BERGAMO, Mônica. Não podem impedir velhinho com tesão de 20 anos de ser candidato, diz Lula. **Folha de S. Paulo**: colunistas, [s. l.], 20 dez. 2017. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2017/12/1944867-nao-podem-

impedir-velhinho-com-tesao-de-20-anos-de-ser-candidato-diz-lula.shtml . Acesso em: 11 out. 2020.

BOLSONARO afirma que torturador Brilhante Ustra é um “herói nacional”. **Veja**, [S. l.], 8 ago. 2019. Política. Disponível em: https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-afirma-que-torturador-brilhante-ustra-e-um-heroi-nacional/ . Acesso em: 5 set. 2020.

BOLSONARO critica imprensa e fechamento de escolas e diz que crise passará. **UOL**, São Paulo, 24 mar. 2020. Coronavírus. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/covid-19-bolsonaro-culpa-imprensa-por-panico-e-volta-a-falar-gripezinha.htm . Acesso em: 26 set. 2020.

BOLSONARO defende combate à corrupção e diz que se eleito não vai trocar cargos por apoio. **G1**, [S. l.], 27 out. 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/27/bolsonaro-defende-combate-a-corrupcao-e-diz-que-se-eleito-nao-vai-trocar-cargos-por-apoio.ghtml . Acesso em: 5 set. 2020.

BOLSONARO diz ter imagem ruim no exterior por mídia mundial ser de esquerda. **UOL**, São Paulo, 25 maio 2020. Política, p. 1-2. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/25/bolsonaro-diz-ter-imagem-ruim-exterior-por-imprensa-mundial-ser-de-esquerda.htm . Acesso em: 19 set. 2020.

BOLSONARO elogia CNN Brasil e defende boicote a mídia ‘que mente‘. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 27 fev. 2020. Poder. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-elogia-cnn-brasil-e-defende-boicote-a-midia-que-mente.shtml . Acesso em: 19 set. 2020.

BOLSONARO ofende jornalista Patrícia Campos Mello ao citar depoimento em CPI. **Estado de Minas,** Minas Gerais, 18 fev. 2020. Política. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/02/18/interna_politica,1122655/bolsonaro-ofende-jornalista-patricia-campos-mello-ao-citar-depoimento.shtml . Acesso em: 19 set. 2020.

BORGES, Stella; MADEIRO, Carlos. Sem prova, Bolsonaro acusa ONGs de estarem por trás de queimada na Amazônia. **UOL**, São Paulo, 21 ago. 2019. Meio Ambiente, p. 82-88. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/08/21/bolsonaro-diz-que-ongs-podem-estar-por-tras-de-queimadas-na-amazonia.htm . Acesso em: 26 set. 2020.

BRASIL, Felipe Moura. CAPA-BOMBA DA VEJA! Dilma e Lula sabiam de tudo! **VEJA**, [S. l.], 23 out. 2014. Brasil. Disponível em: https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/capa-bomba-da-veja-dilma-e-lula-sabiam-de-tudo/ . Acesso em: 10 out. 2020.

CAMPOS, João Pedro de. Em discurso no Planalto, Bolsonaro fala em ‘libertar’ país do socialismo. **VEJA**, Brasília, 1 jan. 2019. Política. Disponível em: https://veja.abril.com.br/politica/em-discurso-no-planalto-bolsonaro-fala-em-libertar-pais-do-socialismo/ . Acesso em: 5 set. 2020.

CASOS de violência contra jornalistas no Brasil crescem mais de 50% entre 2018 e 2019, aponta relatório. **G1**. Rio de Janeiro, 16 jan. 2020. Disponível em: < https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/01/16/casos-de-violencia-contra-

jornalistas-no-brasil-crescem-mais-de-50percent-entre-2018-e-2019-aponta-relatorio.ghtml> . Acesso em: 11 mai. 2020.

CASTRO, Maria Eduardo Pessoa; CAVALCANTE, Carmen Luisa Chaves. Os cenários que moldaram a ascensão de Hitler na Alemanha e a eleição de Bolsonaro no Brasil: uma análise de contexto e estratégias de comunicação. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, São Luis., p. 1-15, 30 maio 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0623-1.pdf> . Acesso em: 4 out. 2020.

COMERCIAL - Pobre e Rico (30"). [S. l.]: Youtube, 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p3YpBKG2I1Y . Acesso em: 14 jun. 2020.

CORREA, Susana Silveira. **Análise de capas da revista Veja**: A construção midiática da legitimação do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff à luz dos estudos bakhtinianos. Orientador: Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral. 2018. 94 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/4346/1/Dissertacao_Susana_Silveira_Correa.pdf . Acesso em: 10 out. 2020.

DATAFOLHA: Lula lidera corrida pela Presidência em primeira pesquisa após condenação. **El País**, São Paulo, 31 jan. 2018. Eleições 2018, p. 1-2. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/31/politica/1517399782_176018.html . Acesso em: 4 out. 2020.

DESEJO de mudança e rejeição ao PT alavancam candidatura de Bolsonaro. São Paulo, 22 out. 2018. Disponível em: http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2018/10/1983550-desejo-de-mudanca-e-rejeicao-ao-pt-alavancam-candidatura-de-bolsonaro.shtml . Acesso em: 5 set. 2020.

DESIDERI, Leonardo. Bolsonaro ataca na ONU o socialismo, PT, Cuba, Venezuela e o ambientalismo radical. **Gazeta do Povo**, Brasília, 24 set. 2019. República, p. 1-2. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/republica/bolsonaro-onu-discurso-assembleia-geral-2019/ . Acesso em: 5 set. 2020.

ENTENDA em 1 minuto: a assustadora taxa de contágio do coronavírus no Brasil. **Gazeta do Povo**, [S. l.], 5 maio 2020. Saúde. Disponível em: https://www.semprefamilia.com.br/saude/entenda-em-1-minuto-taxa-de-contagio-do-coronavirus-no-brasil/ . Acesso em: 24 out. 2020.

EQUIPE HUFFPOST (São Paulo). ‘Kit gay‘: A verdade sobre o programa alvo de críticas e fake news de Bolsonaro. In: HuffPost Brasil. São Paulo, 24 out. 2018. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/24/kit-gay-a-verdade-sobre-o-programa-alvo-de-criticas-e-fake-news-de-bolsonaro_a_23565210/?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLmNvbS8&guce_referrer_sig=AQAAAByxbnhjdV7seW9xpVHBF7LL79plgujohP4LkwvXTwS1ifT_xbdVztA5Llrgo9ByW5u1zGH6WQEGOrsR6x-sd6uYFth6hq_Lep70wHXkc3-sEBjzpXInRCUq4ORB8ka72i5avc3jmpfo64tdcBE28HAbiY2Iu3qrhb0uBlX9cRjC . Acesso em: 21 jun. 2020.

EXONERAÇÃO de diretor do Inpe é publicada no ‘Diário Oficial‘. **G1**, [S. l.], 7 ago. 2019. Natureza, p. 1-2. Disponível em:

https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/08/07/exoneracao-de-diretor-do-inpe-e-publicada-no-diario-oficial.ghtml . Acesso em: 19 set. 2020.

FAO. 2020. Avaliação Global de Recursos Florestais 2020: Relatório principal. Roma.

FERREIRA, Wilson Roberto Vieira. O ceticismo gnótico de Jean Baudrillard: os simulacros nada têm a esconder. In: **Cinema Secreto**: Cinegnose. 1. ed. [S. l.], 2 out. 2011. Disponível em: https://cinegnose.blogspot.com/2011/10/o-ceticismo-gnostico-de-jean_02.html#more Acesso em: 14 jun. 2020.

FILHO, João. Steve Bannon se soma à galeria de presidiários de estimação da família Bolsonaro. **The Intercept Brasil**, [S. l.], 21 ago. 2020. Disponível em: https://theintercept.com/2020/08/21/steve-bannon-preso-bolsonaro-extrema-direita/ . Acesso em: 5 set. 2020.

FOLHA expõe toda a conversa entre repórter e depoente que a acusou de se insinuar sexualmente. **Revista Fórum**, Porto Alegre, 11 fev. 2020. Disponível em: https://revistaforum.com.br/politica/folha-expoe-toda-a-conversa-entre-reporter-e-depoente-que-a-acusou-de-se-insinuar-sexualmente/ . Acesso em: 11 mai. 2020.

FONSECA, Alana; GIMENES, Erick; KANIAK, Thais; DIONÍSIO, Bibiana. Lula é condenado na Lava Jato a 9 anos e 6 meses de prisão no caso do triplex. **G1**, Paraná, 11 out. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/lula-e-condenado-na-lava-jato-no-caso-do-triplex.ghtml . Acesso em: 11 out. 2020.

GARCIA, Diego. ‘Efeito Bolsonaro‘ sobre alta nos casos de coronavírus surpreende pesquisadores. **Folha de S. Paulo**, Rio de Janeiro, 12 out. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/efeito-bolsonaro-sobre-alta-nos-casos-de-coronavirus-surpreende-pesquisadores.shtml . Acesso em: 24 out. 2020.

GRAGNANI, Juliana. O que é ‘globalismo‘, termo usado pelo novo chanceler brasileiro e por Trump?. **BBC Brasil**, Londres, 3 fev. 2019. Internacional. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46786314 . Acesso em: 05 set. 2019.

IMPLOSÃO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Implos%C3%A3o&oldid=53911993 . Acesso em: 25 nov. 2020.

LEIA a íntegra do discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 set. 2020. Mundo. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/09/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-assembleia-geral-da-onu.shtml?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=newsfolha%3Floggedpaywall&origin=folha&cmpid=assmob . Acesso em: 26 set. 2020.

LEVANTAMENTO comprova massacre midiático contra PT. **Fórum**, [S. l.], 9 dez. 2016. Brasil. Disponível em: https://revistaforum.com.br/brasil/entrevista-com-joao-feres-jr-coordenador-do-manchetometro/>. Acesso em: 11 out. 2020.

LOBO, Tiago. Sobre o papel social do jornalismo. **Observatório da Imprensa**, [S. l.], n. 743, 23 abr. 2013. Feitos e desfeitas. Disponível em:

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/_ed743_sobre_o_papel_social_do_jornalismo/ . Acesso em: 25 out. 2020.

LULA condenado**. Folha de S. Paulo**: Editorial, [s. l.], 13 jul. 2017. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2017/07/1900828-lula-condenado.shtml . Acesso em: 11 out. 2020.

MARIANI, Daniel; TAKAHASHI, Fábio; DUCROQUET, Simon; ALMEIDA, Thiago. A posição ideológica de mil influenciadores no Twitter. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 6 maio 2019. GPS Ideológico. Disponível em: http://temas.folha.uol.com.br/gps-ideologico/reta-ideologica/a-posicao-ideologica-de-mil-influenciadores-no-twitter.shtml . Acesso em: 11 out. 2020.

MAZUI, Guilherme; COSTA, Fabiano. Bolsonaro diz que divulgação de dados ambientais do Inpe ‘dificulta‘ negociações comerciais. **G1**, Brasília, 22 jul. 2019. Natureza. Disponível em: https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/07/22/bolsonaro-diz-que-divulgacao-de-dados-do-inpe-sobre-desmatamento-dificulta-negociacoes-comerciais.ghtml . Acesso em: 19 set. 2020.

MELLO, Patricia Campos de. Ernesto alerta para suposta ameaça comunista na América Latina em artigo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 dez. 2019. Mundo. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/12/ernesto-alerta-para-ameaca-comunista-na-america-latina-em-artigo-para-blog-bolsonarista.shtml . Acesso em: 5 set. 2020.

MELO, Pedro. Diretor do Inpe nega acusações de Bolsonaro, reafirma dados sobre desmatamento e diz que não deixará cargo. **G1**, [S. l.], p. 1-2, 20 jul. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2019/07/20/diretor-do-inpe-nega-acusacoes-de-bolsonaro-reafirma-dados-sobre-desmatamento-e-diz-que-nao-deixara-cargo.ghtml . Acesso em: 19 set. 2020.

MENEZES, Carolina; GIANINI, Maria Julia. A importância do fazer jornalístico como garantia da democracia. **LabJor**, [S. l.], 12 set. 2018. Disponível em: https://medium.com/labjorfaap/a-import%C3%A2ncia-do-fazer-jornal%C3%ADstico-como-garantia-da-democracia-7c68ed9df1be . Acesso em: 25 out. 2020.

MIAZZO, Leonardo. Brasil ‘está de parabéns’ na preservação do meio ambiente, diz Bolsonaro. **Carta Capital**, [S. l.], 17 set. 2020. Sustentabilidade. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/brasil-esta-de-parabens-na-preservacao-do-meio-ambiente-diz-bolsonaro/ . Acesso em: 26 set. 2020.

MIELLI, Renata. Eles sabiam de tudo: Como a grande mídia decretou o julgamento de Lula. **Mídia Ninja**, [S. l.], p. 1-2, 25 jan. 2018. Disponível em: https://midianinja.org/renatamielli/quem-condenou-lula/ . Acesso em: 11 out. 2020.

MUTA, Juliano. Bolsonaro critica perseguição a jornalistas por ‘esquerda radical‘. **Folha de Pernambuco**, Pernambuco, 13 jul. 2020. Política. Disponível em: https://www.folhape.com.br/politica/bolsonaro-critica-perseguicao-de-jornalistas-por-esquerda-radical/147005/ . Acesso em: 19 set. 2020.

NICIÉ, Michelle. A verdade é vertiginosa: Artigo sobre a problematização dos conceitos de personagem, persona e figura**. Questão de Crítica: Revista eletrônica de críticas e estudos teatrais**, Rio de Janeiro, 15 nov. 2008. Disponível em:

http://www.questaodecritica.com.br/2008/11/a-verdade-e-vertiginosa/ . Acesso em: 30 jun. 2020.

NO PIAUÍ, Bolsonaro ameaça 'varrer turma vermelha do Brasil'. **Carta Capital**, [S. l.], 14 ago. 2019. Política. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/politica/no-piaui-bolsonaro-ameaca-varrer-turma-vermelha-do-brasil/ . Acesso em: 5 set. 2020.

LEIA denúncia do MPF contra Lula, Marisa Letícia e outras seis pessoas. **Conjur**, [S. l.],14 set. 2016. Disponível em: https://www.conjur.com.br/2016-set-14/leia-denuncia-lula-marisa-leticia-outras-seis-pessoas . Acesso em: 11 out. 2020.

OLIVEIRA, Mariana; RAMALHO, Renan. Ministro do STF afasta Cunha do mandato e da presidência da Câmara. **G1**, Brasília, 5 mai. 2016. Política. Disponível em: http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/05/teori-determina-afastamento-de-cunha-do-mandato.html . Acesso em: 10 out. 2020.

PACCOLA, Carina. O papel do jornalista e a democracia. **Portal Intercom**. Disponível em: < http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/60400664661852641982750161524254583930.pdf> Acesso em: 25 out. 2020.

PESQUISA aponta que mídia é a instituição menos confiável globalmente. **Portal Imprensa**, [*S. l.*], 28 mar. 2018. Disponível em: https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/80347/pesquisa+aponta+que+midia+e+a+instituicao+menos+confiavel+globalmente . Acesso em: 24 out. 2020.

PESQUISA comprova: Com 13 horas no JN, Globo perseguiu Lula. [S. l.], 18 nov. 2016. Disponível em: https://bemblogado.com.br/site/1pesquisa-comprova-com-13-horas-no-jn-globo-perseguiu-lula/ . Acesso em: 11 out. 2020.

PIRES, Breiller. Os laços do clã Bolsonaro com Steve Bannon. **El País**, São Paulo, 20 ago. 2020. Brasil. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-20/os-lacos-do-cla-bolsonaro-com-steve-bannon.html . Acesso em: 5 set. 2020.

PONCHIROLLI, Rafaela. Jornalismo: o que e qual sua importância?. **Politize**, [S. l.], 7 nov. 2019. Disponível em: https://www.politize.com.br/jornalismo/ . Acesso em: 25 out. 2020.

PÓS-TRUTH. *In:* Oxford Learner's Dictionaries. Disponível em: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/post-truth?q=post-truth>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PSDB Nacional - 20 Anos - Educação. Youtube: [s. n.], 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IrHM4OtH1ps Acesso em: 14 jun. 2020.

QUEM é Steve Bannon e qual a sua relação com o governo brasileiro. **JC,** Pernambuco, 20 ago. 2020. Política. Disponível em: https://jc.ne10.uol.com.br/politica/2020/08/11965104-quem-e-steve-bannon-e-qual-a-sua-relacao-com-o-governo-brasileiro.html . Acesso em: 5 set. 2020.

RAMIRES, Ana Rute; RODRIGUES, Rafael. Construção de simulacros nos perfis do Facebook na sociedade de consumo. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação:** XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN, Natal, ed. 17, p. 1-10, 2 jul. 2015. Disponível em:

https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1159-1.pdf . Acesso em: 24 out. 2020.

RAMIRES, Manoel. FALATÓRIO: Bolsonaro "profetiza" morte de 30 mil e prepara sua guerra civil. **Porém.net**, [S. l.], 1 jun. 2020. Disponível em: https://porem.net/2020/06/01/falatorio-bolsonaro-profetiza-morte-de-30-mil-e-prepara-sua-guerra-civil/ . Acesso em: 4 out. 2020.

RODRIGUES, Theófilo Machado. O papel da mídia nos processos de impeachment de Dilma Rousseff (2016) e Michel Temer (2017). **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 02, pp. 37-58, ago. 2018/ nov. 2018. Disponível em: file:///C:/Users/Win%2010/Downloads/17626-65552-2-PB.pdf . Acesso em: 10 out. 2020.

RUBLESCKI, Anelise. Jornalismo pós-moderno: uma discussão dos valores míticos na sociedade hiper-espetacular. **BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, v. 2009, p. 1-10, 2009.

SANCHES, Mariana. Por que o Foro de São Paulo é mais importante para a direita do que para a esquerda. **BBC Brasil**, São Paulo, 24 jul. 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49093277 . Acesso em: 5 set. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. 32ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2010, p. 80.

SENRA, Ricardo. Brasil diz à ONU que não houve golpe em 64 e que governos militares afastaram ameaça comunista e terrorista. **BBC Brasil**, Washington, EUA, 4 abr. 2019. Brasil. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47818978 . Acesso em: 5 set. 2020.

SOBRE as eleições 2018: Análise da crise econômica e política no Brasil hoje. **Cem Flores**, [S. l.], 11 set. 2018. Disponível em: https://cemflores.org/index.php/2018/09/11/sobre-as-eleicoes-2018-analise-da-crise-economica-e-politica-no-brasil-hoje /. Acesso em: 5 set. 2020.

SIMULACROS e Simulação: Sucesso. **Intercom**: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Recife, v. 34, ed. 1, 2011. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-0956-1.pdf . Acesso em: 13 jun. 2020.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão ; BERGER, Christa; VAZ, Paulo Bernardo. Um golpe anunciado: Lula, Dilma e o discurso pró-impeachment na revista Veja. **Revista Pauta Geral:** estudos em jornalismo, Ponta Grossa, v. 3, n. 2, p. 20-44, 2016. Disponível em: https://revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9174/5385 . Acesso em: 10 out. 2020.

TEMER bate próprio recorde e é o presidente mais rejeitado da história. **Revista Veja**, São Paulo, 10 jun. 2018. Disponível em: https://veja.abril.com.br/politica/temer-bate-proprio-recorde-e-e-o-presidente-mais-rejeitado-da-historia/ . Acesso em: 05 set. 2020.

UOL. Bolsonaro insulta repórter da Folha: "Ela queria dar o furo". Plataforma gratuita de compartilhamento de vídeos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=znEDvZqXA_U . Acesso em: 11 mai. 2020

VADICO E VIEIRA, Luiz Antonio e Wilson. Dos simulacros às simulações: o ceticismo gnóstico no pensamento de Jean Baudrillard. Revista Dispositiva, Minas Gerais, v. 2, ed. 1, p. 27-43, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/Win%2010/Downloads/6087-Texto%20do%20artigo-23330-1-10-20131029%20(2).pdf. Acesso em: 14 jun. 2020.

VILARDARGA, Vicente. O fantasma do Foro de São Paulo**. IstoÉ**, [S. l.], 19 set. 2019. Brasil. Disponível em: https://istoe.com.br/o-fantasma-do-foro-de-sao-paulo/ . Acesso em: 5 set. 2020.